

PE. ANTÔNIO MIRANDA, S. D. N.

Missionário de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Sm<sup>o</sup> Sacramento

---

# DOCTRINA EUCARÍSTICA

Respostas às perguntas mais naturais que o  
espírito humano formula diante do  
Mistério da Eucaristia

---

1955

EDITORA «O LUTADOR»  
MANHUMIRIM —E.F.L. — MINAS

**OBRAS DO PE. ANTONIO  
MIRANDA, S. D. N.**

---

**PE. JULIO MARIA**  
Sua Vida e Sua Missão  
História palpitante de um  
grande missionário  
Cr.\$ 30,00

---

**NOSSA SRA. DAS GRAÇAS**  
Obra doutrinária de grande  
mérito teológico.  
Cr.\$ 25,00

---

**MEDITAÇÕES MARIANAS**  
Doutrina e piedade. Obra indis-  
pensável às Congregações Ma-  
rianas.  
Cr.\$ 10,00

---

Do Frei Pio, S. D. N.

**MINHA MISSA E MEU  
CATECISMO**  
Obra completa para instrução  
das crianças e associações.  
4a. Edição

Celma e José Eugênio,

Nossa Senhora lhes revele as maravilhas da Eucaristia!

17 - junho - 1955

**DOCTRINA EUCARÍSTICA**

PE. ANTÔNIO MIRANDA, S. D. N.  
Missionário de Na. Sra. do Smo. Sacramento

---

# DOCTRINA EUCARÍSTICA

Respostas às perguntas mais naturais que o  
espírito humano formula diante do  
Mistério da Eucaristia.

---

1955

EDITORA «O LUTADOR»  
MANHUMIRIM —E.F.L. — MINAS

**IMPRIMATUR**

**Caratinga, 19 de março de 1955**

**† João Cavati, C. M.**  
**Bispo de Caratinga**

# PREFÁCIO

*Prepara-se o Brasil para um acontecimento que será o maior de sua história religiosa nesta segunda metade de século — o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, a celebrar-se de 17 a 24 de julho próximo.*

*Por êste Congresso, de repercussão universal, mostram os brasileiros à face do mundo o seu catolicismo real, verdadeiro, que deve consistir numa vida eucarística intensa e profunda. Por êste Congresso, renderemos a Nosso Senhor a expressão de nossa ação de graças pelos insignes benefícios de que tem sido cumulada a nossa Pátria pela munificência divina, notadamente com a preservação do comunismo.*

*Torna-se necessário que votemos tôdas as nossas forças à excelente causa de glorificar Jesus Cristo Rei eucarístico em nosso querido Brasil. E isto se dará se tudo fizermos para transformar o grande certame do Rio de Janeiro num marco histórico de nossa vida religiosa. Como tantas vêzes nos expressamos na Hora Santa preparatória ao Congresso, que nossa história se divida em duas épocas: ANTES E DEPOIS do Congresso Eucarístico Internacional. Se até então frígidos ou túbios na devoção à Eucaristia, dora avante um povo eucarístico, de comunhão frequente, de vida sacramental bem vivida, de participação estuante de sobrenaturalidade no Santo Sacrifício da Missa, de*

*fervente adoração ao Divino Prisioneiro de nossos Tabernáculos.*

---

*Uma transformação tão profunda será obra da graça divina, e não de excitantes humanos, por mais vibrantes e entusiastas. E esperamos que Deus Nosso Senhor não há-de negar à nossa Pátria esta insigne graça, apesar de nossos deméritos.*

*Mas, inegável que a graça divina não produzirá os seus efeitos sem a colaboração humana. Há-de cada alma se dispôr para recebê-la.*

*O Congresso, na feliz expressão de D. Helder Câmara, há-de realizar-se "NAS ALMAS, NOS CORAÇÕES", antes de se exhibir na majestosa Praça do Congresso.*

*O Congresso NAS ALMAS é o mais importante.*

*E que é o Congresso DENTRO DAS ALMAS? E' o aumento de fé e de amor a Jesus-Hóstia. E' o sentirmos dentro dalma, pelo influxo sobrenatural, que precisamos da Eucaristia, que nela está a verdadeira vida cristã, e que tanto mais felizes seremos quanto mais nos aproximarmos da Hóstia de nossos altares.*

*Há muitos corações frios para as coisas de Deus. Por que? Por falta de espírito de fé, não raro por falta de pureza de coração. Mas também — e é caso generalizado — por falta de conhecimento da doutrina cristã.*

*Não nos iludamos: a maioria de nossos católicos não têm fé bastante esclarecida na Divina Eucaristia. E não a têm por falta de doutrinação.*

*Como seria possível, neste caso, um amor ardente a Nosso Senhor Sacramentado? Como haveriam de*

*amar a quem não conhecem?*

*A mais frutuosa preparação do Congresso Eucarístico vem a ser, assim cremos, o tornar conhecida a Divina Eucaristia.*

*Dai nasceu este livrinho.*

*Não hesitamos em dizer que a doutrina essencial, completa, sobre o triplice aspecto da Eucaristia — Presença real, Sacrifício e Comunhão — está nele substanciada em forma de perguntas e respostas. É um verdadeiro CATECISMO DA EUCARISTIA. E assim deveria denominar-se, não fôsse a repugnância assinalada que muitos sentem pela palavra “catecismo”, muito embora seja o que mais se faz mister para instruir nossa gente.*

---

*“DOCTRINA EUCARÍSTICA” é calcada sobre bons mestres. Seguimos, para compô-lo, a par e passo, a “Suma Theológica” de Sto. Tomás, os excelentes compêndios de Tanqueray, Hugon, Hervé, Lahitton, Diekamp, Debillard, De La Taille, etc., etc., além das Encíclicas “Mystici Corporis” e “Mediator Dei”.*

*O que haurimos de tão valiosas fontes foi pôsto em forma popular, ao alcance de inteligências medianas.*

*O livro almeja prestar-se também a têxto para aulas das associações religiosas sobre o momentoso tema da Eucaristia. Sob este aspecto, parece-nos preencher uma lacuna; não nos consta exista um “Catecismo Eucarístico”, que possa servir a este objetivo.*

*É claro: deverá o professor suprir-lhe as deficiências, aclarar, tornar atraente, acomodar o têxto ao ambiente de seus discípulos.*



*Recomedável sobremaneira — digâmo-lo de passagem — que os Rymos, Párocos, Diretores e Diretoras de Associações e de Colégios, aproveitando-se do ensejo do nosso Congresso Eucarístico, ministrem aos associados e colegiais particulares e completos ensinamentos sôbre a doutrina da Eucaristia, tão esquecida às vêzes em nossas aulas de religião.*

*Que êste livro venha a ser, com as devidas adaptações, o “Catecismo Eucarístico” de que precisamos para nossas Paróquias, Ginásios, Liceus e Escolas Normais.*

*Que os seus benefícios se estendam para além do Congresso Eucarístico, continuando depois dêle uma obra de verdadeira evangelização eucarística através do Brasil.*

*E que estas páginas robusteçam a fé dos vacilantes e reacenda o amor nos tibios, trazendo aos pés de Jesus-Hóstia almas sem conta, que o adorem, participem de seu divino Sacrifício, e a Êle se unam, frequentemente, no fervor da Comunhão eucarística.*

*São os augúrios do humilde autor.*

Pe. A. M.

*Manhumirim, na festa de São José de 1955.*

---

# **Elementos gerais**

## Elementos gerais sôbre a Eucaristia

### Que é a Eucaristia ?

É o Sacramento que contém real e substancialmente Jesus Cristo, lhe rememora e reproduz místicamente o sacrifício e nos dá o seu próprio corpo e sangue como alimento espiritual.

Como se vê por esta definição, o Sacramento da Eucaristia nos faz três dons incomparáveis:

a) Contém real e substancialmente Jesus Cristo.

b) Rememora e reproduz místicamente o Sacrifício do Calvário.

c) Dá-nos o Corpo e Sangue de Cristo como alimento espiritual.

Esse Sacramento é, assim, o maior de todos os sete Sacramentos que Cristo deixou à sua Igreja. Nos outros, Ele deixou as suas graças; neste, deixou sua própria pessoa, seu sacrifício e mais a graça de nos unirmos a Ele pela comunhão.

**Existe dom mais excelente que a Eucaristia ?**

Não existe. Deus nada pode dar melhor que a si mesmo. E aqui Deus se dá ao homem *pessoalmente, fisicamente*, para estar com êle, imolar-se por seus pecados e unir-se a êle como alimento.

Este dom é, pois, o mais excelente que Deus pode fazer aos homens, sem excetuar a Encarnação do Verbo.

**A Eucaristia supera, então, o dom da Encarnação?**

Perfeitamente, pois renova-o todos os dias através dos séculos, e, com os benefícios da Encarnação, dá-nos ainda sua principal consequência e finalidade, que foi o Sacrifício de Cristo.

**Em que sentido a Eucaristia renova a Encarnação?**

A Eucaristia renova a Encarnação não no sentido de que o Verbo de novo se encarne no seio de Nossa Senhora — isto não. Renova o que substancialmente a Encarnação realizou : a presença do Verbo Humanado entre nós para nos santificar.

Não há necessidade de Jesus passar novamente pelo seio de Maria. A Humanidade recebida de Maria continua inseparavelmente unida ao Verbo. Porque prolonga entre os homens por um Sacramento a *presença física* desta Humanidade, dizemos prolongar o Verbo a sua Encarnação.

**Pode-se dizer que a Eucaristia prolonga também o mistério da Redenção ?**

Perfeitamente. Pois êste Sacramento começa a existir quando se celebra o Sacrifício da Missa, reprodução do mistério augusto de nossa Redenção.

Cumprе mesmo dizer-se que a Eucaristia não só renova os mistérios da Encarnação e Redenção, mas de certo modo reproduz todos os mistérios e maravilhas divinas.

**Como entender isto ?**

Além dos mistérios da Encarnação e Redenção, a Eucaristia torna realidade particularmente presente entre nós o *mistério de Deus mesmo*, isto é, dá-nos Deus uno e trino sob as espécies sacramentais.

As três pessoas divinas são inseparáveis. Onde está o Verbo, Filho de Deus, estão uni-

dos a Êle, pela unidade de substância, o Pai e o Espírito Santo. Na Hóstia está, portanto, a Trindade Santíssima realmente presente em Cristo Jesus.

Além disto, no maior de todos os Sacramentos, Deus faz uma como síntese de suas maravilhas. Pelos grandes prodígios que êste Sacramento supõe, êle se torna uma centralização do poder criador, conservador e santificador de Deus.

Sto. Tomás explica, por ex. que os maiores prodígios da criação foram superados no dom da Eucaristia. (1)

Para tornar-se aí presente, e reproduzir o Sacrifício do Calvário e dar-se em alimento, quis o Senhor realizar os mais estupendos milagres, superiores a quaisquer outros na ordem da natureza e da graça.

E' por isto que a Santa Igreja aplica à divina Eucaristia aquela palavra dos Salmos : *"Fêz Deus um memorial de suas maravilhas: deu um alimento aos que o temem"*. (S.110.) *"Memoriam fecit mirabilium suorum: escam dedit timentibus se"*.

---

(1) III P. Q. 75, art. 8, ad 3

**Então pode-se dizer que a Eucaristia é uma síntese de nossa fé ?**

Isto mesmo. A Eucaristia é uma síntese completa de nossa fé. Por isto também é chamada *mistério de fé*.

E' -mistério de fé não só porque a presença e sacrifício de Cristo não podem ser penetrados pela razão humana, mas também porque nossa fé está aí compendiada neste bellissimo e augustíssimo Sacramento.

Resumem-se aí todos os mistérios da fé: a Trindade aí está; a Encarnação aí se prolonga; a Redenção aí se renova; aí se nutre e sustenta a vida da Igreja e das almas; aí se dá a todos nós o penhor da futura imortalidade, como diz a Liturgia: *et futuræ gloriæ nobis pignus datur*.

**Costuma-se também chamar a Eucaristia «Mistério de amor». Justifica-se esta denominação?**

*E' muito justa esta denominação. Pode ser explicada com respeito a nós e com respeito a Deus.*

Com respeito a nós, a Eucaristia é um mistério de amor, porque lhe devemos um amor todo especial. Visto que êste Sacramento encerra as maravilhas de Deus e o próprio Deus,

devemos-lhe amor incomparável.

Com respeito a Deus, êste Sacramento é o mistério de amor, porque só o amor infinito do Senhor para conosco o explica. E foi certamente por isto que o Evangelista S. João, ao narrar a instituição da Eucaristia, principiou dizendo: "Como o Senhor havia amado os seus que estavam neste mundo, até o extremo os amou!" (Jo. 13, 1).

De acôrdo com o que foi dito até aqui, pode-se afirmar que a Eucaristia sintetiza também a própria Religião Católica?

De fato. Foi o que afirmou Pio XII na Encíclica "*Mediator Dei*": "O Mistério da Santíssima Eucaristia, instituida pelo Sumo Sacerdote Jesus Cristo e por sua vontade perpétua-mente renovada pelos seus ministros, é a cúpola e como que o centro da Religião Cristã", diz textualmente êste Pontífice.

Tôda a vida da Santa Igreja e das almas circunda em tórno da Eucaristia. A Sta. Igreja perderia o sentido de sua existência se a Eucaristia fôsse extinta de qualquer modo.

A Eucaristia realiza em plenitude a Religião, cujo sentido último é união do homem com Deus. Por êste divino Sacramento consuma-se a união mais perfeita da criatura



com o seu Criador.

**Como se efetua na Eucaristia esta íntima união de Deus com o homem que constitui a Religião?**

De tríplice modo se dá esta união pela Eucaristia:

a) Pela presença *especial* de Deus entre os homens neste Sacramento..

b) Pela realização mais perfeita do culto divino, que se presta a Deus no Sacrifício da Missa.

c) Pela união estreitíssima de Jesus Cristo com a alma na Sagrada Comunhão.

Expliquemos bem êstes pontos.

Religião quer dizer *relação do homem com Deus*. O primeiro passo desta relação com Deus será, certamente, a presença.

O homem não pode estar presente junto a Deus, como seria seu desejo. Deus, porém, realiza na Eucaristia o milagre estupendo de uma presença especial e contínua no meio dos homens.

Note-se que falamos de uma presença *especial*. Deus por sua essência e poder está entre as criaturas. E' uma presença universal, geral. Na Eucaristia, porém, Êle está na Humanidade de Jesus Cristo. E está ali não só

como Criador e Senhor como nas demais criaturas, mas especialmente, como objeto de nosso culto, de nosso amor, para se unir a nós, receber nossos respeitos e para santificar-nos. Presença *especialíssima*, portanto, pelo seu *modo* e pela sua *finalidade*.

A Religião é constituída principalmente pelas relações de homenagens que prestamos ao nosso divino Criador. Em todos os tempos, os homens sentiram que deviam homenagear ao Senhor com sacrifícios de adoração, de propiciação pelos pecados e de súplicas. Assim, ofertavam a Deus vítimas, que eram queimadas em homenagem a Deus. Eram animais puros, como os cordeiros, os novilhos, as pombas. Quão longe estavam de serem condignas com a Majestade divina estas homenagens de vítimas tão mesquinhas! Deus mesmo quis proporcionar ao homem a possibilidade de oferecer um sacrifício condigno: na Eucaristia, no instante em que ela é consagrada, Jesus Cristo renova, em virtude de uma instituição divina, o Sacrifício de sua vida feito uma vez sôbre a cruz. A Eucaristia é, pois, o mais excelente ato de culto que estabelece relações entre os homens e seu divino Criador.

Enfim, quis Deus estreitar de um modo mais admirável as suas relações com as almas. O que o amor terreno não pode senão sonhar e

desejar, o amor divino todo poderoso o realizou: entrar dentro do coração amado.

A Eucaristia nos é dada como alimento, e por ela Deus entra dentro de nós e nós nos mergulhamos em Deus. Não existe e não poderia existir, antes do Céu, mais estreita relação da criatura com o seu Criador! E' o ato último da Religião.

Foi dito acima que a presença de Deus na Eucaristia é especialíssima pelo modo e pela finalidade. Em que sentido?

A resposta está contida na explicação supra. Não será inútil, porém, repeti-la sob novas formas, para maior clareza.

Deus, criador de tudo o que existe, é o princípio de todo sêr. Causa alguma pode existir sem que o ser intrínseco lhe seja dado e sustentado pelo princípio de todo sêr — Deus. Logo, Deus está presente em todos os séres pelo seu poder criador. E' uma presença *geral, universal*, que nada adiciona, por si mesma, à natureza das cousas e dos homens.

Além desta presença universal, natural, Deus quis ainda estar no coração dos homens pela graça. E' uma presença sobrenatural. Pela graça Deus habita no coração do homem, santificando-o, dando-lhe uma partici-

pação da vida divina. Esta presença de Deus só a têm os homens que estão em estado de graça. Os pecadores não a possuem.

Deus, porém, ainda quis estar presente no meio dos homens por um modo novo. Inicialmente encarnou-se, assumiu nossa natureza humana e viveu entre os homens, pela Encarnação. Depois, quis estender êste modo de presença enquanto homem através dos séculos. E o faz pela divina Eucaristia.

Na Eucaristia está Deus presente de modo substancialmente diverso do modo pelo qual está nas almas em estado de graça e do modo pelo qual está em tôdas as criaturas.

Nas criaturas Deus está naturalmente como princípio de todo sêr.

Nas almas está Deus sobrenaturalmente, dando uma vida acima da vida natural, ou seja, uma participação da vida divina.

Na Eucaristia acha-se Deus sacramentalmente, na *Humanidade Santa do Verbo*, que continua a morar entre os homens, sacrificar-se como *Vítima* por êles, e a dar-se como alimento na mais estreita das uniões.

A particularidade especialíssima da Eucaristia é que aí não está sòmente a *Divindade*, mas também e principalmente a *Humanidade Santa do Verbo Encarnado*, e aí está como *Vítima* e como *alimento* das almas.

Assim, fica explicado porque dizíamos ser a presença de Deus na Eucaristia *especialíssima pelo modo e pela finalidade*.

O modo de presença aí é *especialíssimo e diverso dos outros dois (pelo poder criador e pela graça)*; é uma presença de Deus na Humanidade Santa de Cristo, real, física e substancialmente presente.

A finalidade desta presença é também *especialíssima e diversa das finalidades dos outros dois modos de presença (para conservar o sêr e nos santificar)*; a finalidade desta nova presença é ser vítima e alimento da Santa Igreja.

**Então a Eucaristia pode ser considerada como Presença, como Sacrifício e como Comunhão sacramental, não é ?**

Isto mesmo. Tríplice o aspecto da Eucaristia, que não se deve esquecer : *Presença, Sacrifício e Comunhão sacramental do Verbo Encarnado*.

Mas é preciso não esquecer também que este tríplice aspecto da Eucaristia é *benefício eminentemente social, e não só individual*. Isto é, embora este Sacramento seja aplicado pessoalmente a cada indivíduo, entretanto ele é um Sacramento *para a Igreja*

tôda, corpo social e místico de todos os fiéis.

Cristo está aí *presente* para a Igreja. Renova seu *sacrifício* para a Igreja. Dá-se em *Comunhão* a fim de *unir* a todos do modo mais íntimo, na unidade da Igreja.

Sempre, portanto, devemos considerar o tríplice aspecto da Eucaristia — presença, sacrifício e comunhão — com olhos postos na vida social e divina do Corpo Místico, que é a Igreja.

**Qual dos três aspectos da Eucaristia é o mais importante ?**

Pròpriamente, todos são igualmente importantes, porque um completa os outros, e um sem os demais não realizaria a finalidade plena dêste grande Sacramento.

Podemos, entretanto, considerar graus de importância nestes aspectos conforme a face sob que os pesquisarmos.

Assim, se considerarmos a Eucaristia enquanto *Sacramento social, centro da liturgia da Igreja*, deveremos dizer que o seu aspecto de *Sacrifício* é o mais importante. Pois é em virtude de ser *Sacrifício* que a Eucaristia é o centro da unidade social da Igreja e centro da liturgia.

Se considerarmos a Eucaristia em sua apli-

cação *individual*, ou seja, enquanto graça sacramental, releva o aspecto de *Comunhão*.

Mas se atentarmos para o fundamento de toda a realidade eucarística, veremos que a *presença real* se torna o aspecto mais importante, porque fundamental.

A presença real de Cristo na Eucaristia é o fundamento essencial do Sacrifício e da *Comunhão*. Não existirá aí Sacrifício de Cristo nem *Comunhão* com Cristo, se Cristo não estiver presente. E é por isto que os manuais de catecismo e teologia, ao tratarem deste assunto, versam primeiro a *Presença real*, depois o *Sacrifício* e enfim a *Comunhão*.

Assim procederemos em nosso estudo, segundo esta ordem costumeira.

---

**A presença real**



I

## Jesus Cristo está presente na hóstia

**E' bem verdade que Jesus Cristo está presente na hóstia?**

Perfeitamente. Assim nos ensina a nossa fé católica e disto não podemos duvidar jamais. Nosso Senhor está *real, verdadeira, e substancialmente* presente na hóstia consagrada.

Se alguém ousa negar êste dogma de fé, incorre em excomunhão, além de cometer grave pecado de incredulidade.

**Não basta acreditar que Cristo aí está presente por sua influência santificadora, ou que a hóstia é um sinal, uma imagem de sua presença mística na Igreja?**

Não basta. Tal modo de pensar seria herético. A hóstia não é somente sinal ou imagem de Cristo; é o próprio Jesus Cristo substancialmente presente. Nem tão pouco se pode confundir a presença *física* de Jesus no

Smo. Sacramento com a sua presença *mística* na Igreja.

Que diferença existe entre a presença de Cristo na Igreja e a sua presença na Eucaristia?

Cristo está presente na Igreja *misticamente* e, na Eucaristia, está *fisicamente*.

Estar *misticamente* presente significa: ser o princípio de vida sobrenatural que anima tôda a Igreja. Jesus é a Cabeça donde procede tôda a vida divina para a Igreja, que é seu corpo místico. Assim devemos dizer que Jesus Cristo está presente em sua Igreja.

Esta presença não importa, por si só, na *estadia física da Humanidade* de Cristo dentro de nossos templos. E' tão somente uma influência divina de Nosso Senhor sôbre as almas. E' ainda uma assistência divina à Igreja para preservá-la do erro.

Neste sentido disse Jesus aos Apóstolos, quando subia ao Céu: "Eis que estarei convosco até o fim dos séculos". Não promete Êle, neste passo, mais que sua presença mística, e não uma *estadia física* de sua Humanidade.

Na Eucaristia, porém, Cristo não está somente de modo místico. Está *fisicamente*, isto é, *corporalmente*, com sua *humanidade real*. Além de comunicar a vida divina à Igreja

e a cada alma neste Sacramento, Ele ainda está aí *corporalmente* presente, com a mesma realidade com que esteve visível entre os homens e com que é visível no Céu.

· Não se diz que todos os Sacramentos prolongam a Humanidade de Cristo? Logo, Ele está presente em todos os Sacramentos, e não só na Eucaristia!

Aqui se impõe a mesma distinção que já fizemos acima. Cristo está nos demais Sacramentos *misticamente*; na Eucaristia, está *corporalmente*.

Os Sacramentos prolongam a Humanidade do Senhor enquanto comunicam as mesmas virtualidades santificadoras de sua presença. Isto é, prolongam *misticamente* os efeitos de santificação que esta Santíssima Humanidade produziu estando presente outrora entre os homens.

A Eucaristia, porém, não estende tão só os efeitos santificantes da presença do Senhor outrora entre nós. Ela encerra o próprio Senhor, tal qual estava no meio dos homens.

Dêste fato é que conclui o Doutor Angélico ser a Eucaristia mais excelente que todos os outros Sacramentos; "enquanto nos outros Sacramentos se contém certa virtude instrumental participada de Cristo", diz

êle, — na Eucaristia "se contém o próprio Cristo substancialmente". (1).

Como se prova a presença corporal de Jesus Cristo no Smo. Sacramento?

Prova-se pela palavra formal de N. Senhor, que disse ao instituir êste Sacramento: — "Tomai e comei. Isto é o meu Corpo".

Não é preciso nada mais claro para quem crê na palavra de Jesus. Se Êle manda tomar êste alimento, numa circunstância solene, e afirma sem circunlóquios: — "Isto é o meu Corpo" — é porque, de fato, Êle está corporalmente presente neste alimento.

Acrescentemos ainda que êste foi o sentido em que sempre se interpretou a palavra de Jesus na última ceia. Até o século VIII não houve discrepância sôbre o genuíno sentido de tal palavra.

A primeira heresia que feriu a presença tido em que sempre se interpretou a palavra pelos *iconoclastas*. Nova negação da presença real só reapareceu no século XI, quando Berengário impugnou a transubstanciação.

Assim devemos concluir que o sentido autêntico da afirmação na última ceia, no pen-

---

(1) III P. Q. 65, art. 3.

samento dos mais antigos cristãos, era a presença corporal de Jesus Cristo na Sagrada Hóstia.

Os Apóstolos teriam entendido a palavra de Jesus Cristo: — «Isto é o meu Corpo» — como significando a presença real do Senhor no Sacramento?

Perfeitamente, assim a entenderam os Apóstolos. Tanto é que Nosso Senhor, tendo-lhes preceituado a seguir: — *"Fazei isto em memória de mim"* — não cessaram de reproduzir o divino mistério da Consagração eucarística. Os "Atos dos Apóstolos", por exemplo, nos relatam que os discípulos *"perseveravam na doutrina dos Apóstolos e na comunhão da fração do pão"*. (At. 2, 42).

Como explicar que os Apóstolos não se espantaram ouvindo Jesus dizer sobre o pão: — «Isto é meu corpo»?

A palavra de Jesus não causou aos Apóstolos a menor estranheza, como se pode ver pelo Evangelho. Eles nada objetam. E' que aí se concretiza a uma promessa que Jesus fizera, de dar a sua carne como alimento e o seu sangue como bebida.

Quando Jesus falara um dia, à beira do la-

go, num célebre discurso, que daria sua carne como alimento, tal dizer lhes causara então estranheza, como aos demais judeus. Nosso Senhor, porém, afirmou e reafirmou a mesma promessa, e provou que tinha poder de realizar milagres afim de dar sua própria carne como alimento. Enfim, os Apóstolos creram e aguardavam a realização da divina promessa. E' o que está relatado no Evangelho de S. João, Cap. VI, 22 e seguintes.

Nenhuma estranheza lhes causou, por isto, a afirmação da última ceia: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo". Cheios de fé no poder soberano do Senhor e esperançosos sempre de que Ele cumpriria com a promessa de dar seu Corpo em alimento, aquela palavra foi recebida por êles com plena compreensão de sentido e sem nenhuma tergiversação de espírito.

**Existe, pois, relação entre o discurso de Jesus à beira do lago e a palavra da última ceia?**

Existe. Relação essencial, fundamental. As palavras da última ceia, embora muito claras, supõem algum discurso preliminar, não para explicá-las, mas para justificá-las. Pois não se justificaria que Jesus, abruptamente, sem preâmbulos, tomasse um pão e afirmas-

se a identificação dêste alimento com o seu próprio Corpo, sem antes ter proposto o que iria fazer. Perante os incrêus de todos os tempos Jesus até se arriscaria ao ridículo.

O sermão de Cafarnaum explicou tudo com muita antecedência. Provocou as objeções. Refutou-as. Deu até os pormenores da possibilidade da presença real. «(Conf. Jo. VI, 63).

**Podeis resumir os tópicos principais dêste discurso?**

Convém que se leia todo o capítulo VI do Evangelho de S. João, para se ter uma idéia completa dêste discurso e de suas relações com a última ceia. Ei-lo:

1. *Depois disto, passou Jesus para a outra banda do lago da Galiléia, chamado lago de Tiberiades.*  
2. *Seguiu-o grande multidão de povo, porque viam os milagres que fazia aos doentes.* 3. *Subiu então Jesus ao monte, onde se sentou em companhia dos seus discípulos.* 4. *Estava próxima a festa pascal dos judeus.*

5. *Erguendo os olhos e vendo que numerosa multidão o vinha procurar, disse Jesus a Filipe: "Onde compraremos pão, para que esta gente tenha que comer?"*.

6. *Mas isto dizia apenas no intuito de pô-lo à prova: porque bem sabia o que havia de fazer.*

7. *Respondeu-lhe Filipe: "Duzentos dinheiros de*

pão não chegariam para que cada um deles recebesse um bocadinho”.

8. Ao quê, observou um dos discípulos, André irmão de Simão Pedro: 9 “Está aqui um menino com cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente?”

10. Disse Jesus: “Mandai a gente sentar”. Havia muita relva no lugar. Sentaram-se, pois, os varões em número de uns cinco mil. 11. Tomou Jesus os pães, deu graças e mandou-os distribuir aos que estavam sentados; da mesma forma, os peixes, quanto queriam.

12. Depois de todos fartos, disse a seus discípulos: recolhei os sobejos para que nada se perca.

13. Recolheram, pois, e chegaram a encher doze cestos com os pedaços dos cinco pães de cevada que sobejaram, aos que tinham comido.

14. Vendo o povo o milagre que Jesus acabava de fazer, exclamaram: Este é realmente o profeta que devia vir pelo mundo...”

15. Reparando Jesus que queriam vir e levá-lo à força para proclamá-lo Rei, tornou a retirar-se para o monte, sozinho.

### **Jesus a caminhar sôbre as águas**

16. Ao anoitecer desceram os discípulos ao lago, 17, embarcaram e dirigiram-se para a outra banda, rumo a Cafarnaum. Já era escuro, e ainda Jesus



*não viera ter com êles. 18. Iam as vagas muito em-  
poladas com forte ventania. 19. Tendo remado uns  
vinte e cinco a trinta estádios, avistaram a Jesus a  
andar sôbre as águas e aproximar-se da embarca-  
ção. Encheram-se de terror. 20. Jesus, porém, lhes  
disse: "Sou eu; não temais!"*

*21. De boa vontade receberam-no então no barco  
— e logo o barco tocou na praia que demandavam.*

### **Jesus promete a Eucaristia**

*22. No dia seguinte, o povo que ficara na outra  
margem do lago advertiu que não estivera aí senão  
um único barco e que Jesus não embarcara com seus  
discípulos, mas que os discípulos tinham partido sô-  
zinhos. 23. Entromentes, chegaram outras embarca-  
ções, de Tiberíades, para perto do lugar onde o Se-  
nhor, depois de render graças, dera de comer o  
pão. 24. Ora, vendo a gente que Jesus e seus discípu-  
los já não estavam lá, embarcaram e foram até Ca-  
farnaum, em busca de Jesus. 25. Deram com êle  
na outra banda do lago, e perguntaram-lhe: "Mestre,  
quando foi que chegaste aqui?"*

*26. Respondeu-lhes Jesus: "Em verdade, em ver-  
dade vos digo: Andais à minha procura, não porque  
vistes milagres, mas porque comestes dos pães e  
ficastes fartos. 27. Não vos afadigueis por um manjar  
perecedor, mas, sim, pelo manjar que dura para a  
vida eterna e que o Filho do Homem vos dará; pois,*

a *Êle é que Deus Pai acreditou*".

28. *Ao que lhe tornaram: "Que nos cumpre fazer para praticarmos as obras de Deus?"*

29. *Respondeu-lhes Jesus: "A obra de Deus está em que tendes fé naquele que Êle enviou"*.

30. *Replicaram-lhe êles: "Que sinal nos dás para que o vejamos e te demos fé? qual a tua obra? 31. Nossos pais comeram o maná, no deserto, conforme está escrito: "Do céu que lhes deu pão a comer"*.

32. *Respondeu-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: Não foi Moisés que vos deu o pão do céu; meu Pai é que vos dará o verdadeiro pão do céu: 33, o pão divino que desce do céu e dá a vida ao mundo"*.

34. *Disseram-lhe êles: "Senhor, dá-nos sempre êsse pão"*.

35. *Tornou-lhes Jesus: "Eu sou o pão da vida; quem vem a mim jamais terá fome; e quem crê em mim jamais terá sede. 36. Bem vos dizia eu que não credes, ainda que me tendes visto. 37. Tudo quanto o Pai me dá vem a mim; e eu não repelirei a quem vier ter comigo; 38 porque desci do céu, não para cumprir a minha vontade, mas, sim, a vontade daquelle que me enviou. 39. E' esta a vontade de quem me enviou: que não deixe perecer nada de quanto me confiou; mas que o ressuscite no último dia. 40. Sim, a vontade de meu Pai é esta: que todo o homem que vir o Filho e crer nele, tenha a vida eterna — e eu o ressuscitarei no último dia"*.

41. *Murmuraram, pois, dêle os judeus por ter dito "eu sou o pão (vivo) que desceu (desçi) do céu".*

42. *Diziam: "Porventura, não é êste aquêle Jesus filho de José? e não lhe conhecemos nós o pai e a mãe? como diz, pois: eu desci do céu?"*

43. *Tornou-lhes Jesus: "Não murmureis entre vós.*

44. *Ninguém pode vir a mim, se não o atrair o Pai que me enviou; e eu o ressuscitarei no último dia.*

45. *Está escrito nos profetas: Serão todos ensinados por Deus. Quem ouve o Pai e lhe aceita a doutrina vem a mim. 46 Não que alguém tenha visto o Pai; sòmente quem é de Deus viu o Pai. 47 Em verdade, em verdade vos digo: quem crê (em mim) tem a vida eterna.*

48. *Eu sou o pão da vida. 49 Vossos pais comeram o maná, no deserto, porém morreram. 50 Mas êste é o pão que desce do céu, para que quem dêle comer não morra. 51 Eu sou o pão vivo que desceu (desçi) do céu. Quem comer dêsse pão viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo".*

52. *Disputaram então entre si os judeus, dizendo: "Como pode êsse dar-nos a comer a sua carne?"*

53. *Replicou-lhes Jesus: "Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes (tereis) a vida em vós. 54 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia; 55 porque a minha car-*

*ne é verdadeiro (verdadeiramente) manjar, e o meu sangue verdadeira (verdadeiramente) bebida. 56 Quem come a minha carne e bebe o meu sangue fica em mim, e eu nele. 57 Do mesmo modo que o Pai me enviou, e como eu vivo pelo Pai, assim também viverá por mim quem me receber em alimento. 58 Este é o pão que desceu do céu; não é como o (maná) que vossos pais comeram, porém morreram. Quem come este pão viverá eternamente”.*

59. *Assim falou Jesus, ensinando na sinagoga de Cafarnaum.*

60. *Muitos dos seus discípulos que o tinham escutado disseram: “E’ dura esta linguagem; quem a pode ouvir?”*

61. *Sabia Jesus que disto murmuravam seus discípulos, pelo que lhes disse: “Isto vos escandaliza? 62 E tal, se virdes subir o Filho do Homem para onde estava antes? 63 O espírito é que vivifica; a carne nada vale. As palavras que acabo de dizer-vos são espírito e vida. 64 Mas há entre vós alguns que não crêem”.*

*E’ que Jesus sabia desde o princípio quem eram os descrentes e quem o havia de entregar.*

65. *E prosseguiu: “Por isso é que vos disse que ninguém pode vir a mim, se não lhe for dado por meu Pai.*

66. *A partir daí, muitos dos seus discípulos se retiraram e já não andavam com Êle. 67 Perguntou Jesus aos doze: “Quereis também vós retirar-vos?”*

68. "*Senhor — respondeu-lhe Simão Pedro — a quem havíamos de ir? Tu tens palavras de vida eterna; 69 e nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus* (Cristo, o Filho de Deus). (1)

Lendo com atenção êste capítulo, poderemos relevar nele os seguintes pormenores:

a) O comêço até o versículo 22 demonstra, com dois milagres, as possibilidades da presença real do corpo de Jesus na Eucaristia. São êstes milagres: a multiplicação dos pães (v. 1-14) e Jesus caminhando sôbre as águas do lago (v. 16-22).

Quem sacia as multidões com cinco pães e dois peixinhos pode também colocar-se sob as espécies de pão para servir de alimento sobrenatural. Caminhando sôbre as águas, prova Jesus que pode libertar seu corpo das leis ordinárias da natureza, como o fará na Eucaristia.

b) Do versículo 22 ao versículo 35, Jesus dispõe as turbas à fé nas promessas do pão eucarístico.

c) Do versículo 35 ao 47, fala vagamente da Eucaristia. Diz-se o "pão que desceu do céu". Estas palavras, embora já se refiram à Eucaristia, como se depreende do contêx-

---

(1) Tradução do Pe. Huberto Rohden — Editora «Vozes»

to, não explicam ainda, entretanto, sob que forma Jesus é o pão que desceu do céu. Poderiam os discípulos interpretá-las como se Jesus fôra, tão só figurativamente, pão das almas *pela fé*. De fato, adaptando-se à índole e educação dos judeus, Nosso Senhor os preparava, por uma adesão plena da fé, à revelação do mistério eucarístico.

d) Os versículos 48-59 expõem a doutrina da Eucaristia nos termos mais positivos. Tão claro é o modo de falar, que os discípulos se escandalizam, porque não podem compreender como Jesus dará sua carne por alimento e seu sangue como bebida.

e) Para refutar as objeções e dissipar as dúvidas, o Senhor aduz o argumento de sua futura ressurreição e subida ao céu. — (v. 61-62). Explica-lhes que lhes vai dar como alimento não um corpo morto mas *uma carne com propriedade de carne glorificada, a modo de espírito*. Este texto encerra, portanto, profunda explicação sobre o modo pelo qual está Jesus na hóstia: o modo dos espíritos, que não se circunscrevem a lugares.

Enfim, a confissão final de Pedro em nome dos Apóstolos: — "Aonde iremos, Senhor? Só vós tendes as palavras da vida eterna. Nós cremos e sabemos que sois o Filho de Deus vivo!" — comprova que os

Apóstolos entenderam o que Jesus lhes dizia, creram na promessa feita, e, de certo, a aguardaram com grande fé e amor.

Eis porque acolheram sem tergiversação a palavra da última ceia: "Tomai e comei. Isto é o meu corpo".

**Mas não devem ser entendidas só metafóricamente as palavras de Cristo tanto em Cafarnaum como na última ceia?**

Não. Estas palavras devem ser entendidas em sentido real. Trata-se do corpo real, físico, de Cristo, que se dará em alimento.

E' impossível aí sentido metafórico, porque as expressões "comer o meu corpo e beber o meu sangue", como as empregou Jesus, não revestem jamais, nem na Escritura, nem no linguajar comum, sentido metafórico de alimento.

Em poucos passos da Escritura onde aparecem metafóricamente, as expressões "comer a carne de alguém" e "beber o sangue de alguém", revestem sentido de hostilidade, não sentido de alimentação espiritual. (Conf. por ex. Jó, 19, 22 — Sl. 26, 2).

Demais, tão longe andaram de metáfora as palavras de Jesus, que os ouvintes as materializaram completamente, como se vê

nos versículos 52 e 60. E se Jesus estivesse acaso criando um novo sentido metafórico para aquelas expressões, Êle logo se explicaria. Muito ao contrário, entretanto, reafirmou ainda com mais vigor o que dissera, dando como *condição para a vida eterna* que lhe comam a carne e bebam o sangue. (V. 53 e segts.).

Mas, dizendo Jesus: «O espírito é que vivifica; a carne para nada vale. As palavras que vos acabo de dizer são espírito e vida» — não quer dizer que não se deve interpretar o contexto como falando de sua presença física na hóstia, e sim como presença espiritual?

Não. Jesus quer somente dizer que não se devem tomar *em sentido material* as palavras sôbre a Eucaristia, como se Êle fôra dar em forma de postas a sua carne para ser comida. Dêste modo o entendiam os judeus. Jesus lhes esclarece que não dará sua carne a comer feita em pedaços como êles entendem mas sim vivificada pelo espírito. Assim entenderam êste texto Santo Agostinho (*De Civitate Dei*, cap. 24) e Sto. Tomás (*Catena Aurea*, in Joan. Ev. cap. VI).

A carne, como carne, não serviria ao objetivo que o Senhor tinha em vista que é



alimentar o espírito. Só o espírito pode dar vida ao espírito. E as palavras que Jesus fala se referem à vida sobrenatural do espírito, não à vida material. Ele vai dar alimento à vida espiritual; portanto, não se trata de servir em postas a sua carne. Trata-se, já se vê, ainda que dando sua *carne como verdadeiro alimento* — trata-se de uma forma nova sob a qual a dará, em que ela revestirá as propriedades de espírito.

Este mistério se elucidou cabalmente quando Cristo se deu sob as aparências do pão. Então já se vê que, usando do poder divino, colocou aí sua Santa Humanidade com *propriedades de espírito*, ou seja, sem ocupar lugar, sem se circunscrever a dimensões, desvestida das aparências materiais.

Além do discurso das promessas eucarísticas e da afirmação de Cristo na ceia, há outras provas escriturísticas de sua presença real?

Há ainda a prova explícita de S. Paulo, na Primeira Epístola aos Coríntios, cap. XI, vers. 23-30, que diz:

23. *Porquanto eu recebi do Senhor o que vos ensinei, a saber: que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, 24 e, havendo dado graças, o partiu e disse: "Tomai e comei; isto é o meu*

*corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim". 25. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice dizendo: "Este cálice é o novo testamento em meu sangue; fazei isto em memória de mim tôdas as vêzes que o beberdes". 26. Porque tôdas as vêzes que comerdes êsse pão e beberdes o cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que Êle venha. 27. Pelo que, quem comer (êste) pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. 28. Examine-se, pois, a si mesmo o homem, e assim coma dêste pão e beba do cálice. 29. Porque quem come e bebe (indignamente), come e bebe a sua própria condenação, não fazendo discernimento do corpo (do Senhor). 30. Por isso é que há entre vós tantos fracos e enfermos, e muitos que dormem.*

Êste texto é muitíssimo claro. Fala historicamente da instituição da Eucaristia e de seu uso na Igreja primitiva.

A respeito dêste texto devemos observar:

a) Que o Apóstolo diz ter recebido por revelação do Senhor o fato da instituição da Eucaristia (v. 23).

b) O Apóstolo, na explicação doutrinária do fato, claramente focaliza o aspecto de renovação do sacrifício do Calvário: — «anunciareis a morte do Senhor» — e o aspecto de comunhão: — "tôdas as vêzes que comerdes"..., — próprios da Eucaristia.

c) Ele expressa positivamente que o corpo de Cristo está aí de *modo real*, pois diz: "quem comer êste pão indignamente, será réu do corpo do Senhor" (v. 27).

Como alguém seria réu do corpo do Senhor, se o Senhor aí não estivesse realmente? Mais: diz que "come e bebe a própria condenação aquêle que não discerne aí o corpo e o sangue de Cristo" (v. 29).

Além destas provas, que outras poderemos aduzir de que Cristo está presente na Eucaristia?

Prova escriturística nenhuma além destas se pode aduzir. Mas depois das provas supra — palavras do próprio Cristo, palavras do Apóstolo São Paulo — nem há necessidade de qualquer outra prova. Se êstes documentos não provam a presença real, outros não lograrão prová-la, ainda acumulados aos milhares.

Entretanto, poder-se-á confirmar com novos argumentos, principalmente da Tradição, o que temos visto precedentemente.

a) A primeira confirmação está no fato de todos os evangelistas falarem da presença real sempre com os mesmos termos. São João nos transmite o discurso da promessa eucarística. Os demais (Mat., cap. 26; Mar-

cos, cap. 14; Lucas, cap. 22) nos dão a narrativa da instituição.

E, pormenor curioso: a palavra essencial que designa a presença do corpo de Cristo — *"Isto é o meu corpo"* — é transmitida nos mesmos termos, pelos três evangelistas que narram a instituição e por São Paulo.

b) Já notámos precedentemente: nunca jamais, antes do século VIII, se pôs em dúvida a presença real de Cristo no Sacramento do Altar. E quando, no século XI, apareceu Berengário negando a transsubstanciação, para logo celeuma verdadeira se ergueu entre os próprios leigos contra a nefanda heresia. Poucos dogmas na Igreja gozaram de ensino tão amplo, tão firme, tão unânime, quanto o da presença real.

c) Deve-se mesmo dizer que, no alvorecer do Cristianismo, nos séculos de perseguição principalmente, tóda a religião cristã se sintetizava na prática da Eucaristia, o que é explícita e valiosa confissão da presença real. Dir-se-ia que, ao lado da Divindade de Cristo, o dogma da presença real era o mais essencial à fé cristã primitiva. Leiam-se, por exemplo, os escritos mais antigos, como a *"Didaché"*, a *"Apologética"* de São Justino, as *"Cartas"* de Santo Inácio Mártir. Através destes livros aparece claro que tódas as

práticas cristãs se agrupavam em tórno da Liturgia Eucarística, ou seja, dos divinos Mistérios. Tudo uma perene confissão da presença real de Jesus Cristo na hóstia.

d) A perenidade da Liturgia Eucarística e a confissão da presença real de Cristo no Smo. Sacramento é um fato histórico. Acompanha a Igreja através de tôdas as vicissitudes.

Êstes dados da Tradição constituem verdadeira prova, pelo menos, de que a palavra de Cristo deve, de fato, ser interpretada como afirmando a presença real de seu corpo na divina Eucaristia.

Não têm os Santos Padres em seus escritos expressões que por vêzes nos levam a crer interpretassem a Eucaristia como uma figura, um símbolo apenas de Cristo?

Têm, sim, alguns Padres expressões tais. Mas são fáceis de ser aclaradas por outras bastante óbvias, de modo que não sobro margem para se dizer que êstes Padres descreessem da presença real.

Assim Tertuliano tem um texto que interpreta a palavra "*Hoc est corpus meum*" — como significando — "*figura corporis mei*". (Adv. Marc. 4, 40). Mas, no mesmo contêxto,

êle traz o seguinte: — "*Acceptum panem et distributum discipulis corpus suum illum fecit*", o que quer dizer: "Ao pão que tomou e distribuiu aos discípulos (o Senhor) o fêz seu corpo". E em vários outros passos de seus escritos se encontra clara a profissão de fé na presença real.

Outros Padres, dos séculos 4º e 5º, falam tão obscuramente da Eucaristia, que causa estranheza em quem os lê, observa o teólogo Pesch. "Mas êste fato se explica, — diz êste mesmo teólogo — pela chamada "*disciplina arcani*", que especialmente deviam observar com relação à Eucaristia". (1)

Tôda vez, portanto, que acaso encontramos em Padres da Igreja expressões menos óbvias, devem elas ser esclarecidas à luz de outras partes de seus escritos.

Mesmo apesar de usarem aqui e acolá termos dúbios, todos dão, noutras partes, motivo para uma interpretação de acôrdo com o dogma, e não há um só dentre êles que negue claramente a presença real de Cristo na Eucaristia.

---

(1) Pesch — «De Eucharistia», nº. 619.

A «Disciplina Arcani» era a prescrição existente, nos tempos de perseguição, de que não se comunicassem a profanos os divinos mistérios.

Não há também argumentos de ordem experimental e científica, comprovantes da presença real?

Comprovantes de ordem experimental e científica não há e não os pode haver, propriamente. O mistério da presença real exorbita de toda experimentação científica. Já dissemos que Jesus está presente na hóstia *a modo dos espíritos*. E nem seria possível outro modo de entender a presença física do Senhor nas estreitezas da hóstia. Ora, a substância espiritual escapa às experimentações científicas. Nem a mais aguda e penetrante lente de microscópio, nem o mais potente raio X poderão, por ex., lobrigar a alma que vivifica nosso corpo. Assim também não penetrarão a presença corporal de Cristo na hóstia.

Que estranhar aliás, neste fato, se refletimos que, na ordem natural das coisas, nunca conseguimos perceber com os sentidos as realidades imateriais, cuja presença, entretanto, não ousamos negar? Ninguém, por exemplo, ousa pôr em dúvida a presença da memória e da inteligência, em determinadas pessoas. No entanto, são realidades que escapam ao escalpêlo, ao microscópio e ao raio X.

E os milagres e aparições de Cristo na hóstia não comprovam sua presença real?

Sem dúvida. Não são, entretanto, provas científicas e experimentais, pois a experimentação científica sempre se pode realizar naturalmente, e os milagres são fatos extraordinários e não naturais. Nem tão pouco valem as aparições de Jesus na hóstia como argumento de fé teológica; esta se fundamenta na Escritura e na Tradição eclesiástica somente. Mas não deixam os milagres de ser comprovantes de grande valor, que, provada historicamente a sua autenticidade, movem sobremaneira a fé vacilante e enfêrma.

Houve numerosos milagres eucarísticos através dos séculos, que não vem a propósito citar aqui, pela exiguidade de espaço.

Rememoremos apenas:

a) São Cipriano em seu livro *De lapsis* fala de vários milagres eucarísticos, que êle mesmo presenciou. (1)

b) São Gregório Nazianzeno também conta no livro *Adversus Donatistas* (2, II) milagres que se deram com membros de sua própria família.

---

(1) «De lapsis», 25, 26 - cit. apud. Brillant - «Eucaristia» (1947 - Paris).



c) São Basílio narra o fato miraculoso que se passou com certo judeu: enquanto um sacerdote distribuía a Santa Comunhão, êle viu que todos os comungantes recebiam um menino; quis também participar e, com surpresa, o menino que recebeu se transformou em pão. (*Brillant*, opus cit., p. 711-712).

d) São numerosas as aparições de Cristo na Eucaristia, muitas delas de fama histórica. Podem-se citar as famosas aparições de Braine (1153), de Dounai (1254), de Ulmes (1668), de Bordeaux (1822), de Dubono (1866).

e) Em Paray-le-Monial, onde Cristo appareceu revelando seu divino Coração, existe uma placa comemorativa dos grandes milagres eucarísticos, aparições uns, outros sem aparição visível de Cristo. São 128, assim divididos: 32 na França, 20 na Alemanha, 16 na Itália, 16 na Espanha, 9 na Bélgica, 9 na Holanda, 13 em países do Oriente, 5 na Grã-Bretanha, 4 na Áustria, 4 na África. (1)

Todos êstes milagres serviram de motivo para conversão de numerosas almas e robustecerem, de certo, muita fé vacilante.

---

(1) Os dados históricos dêstes milagres se encontram em Corblet — «Histoire du Sacrement de l'Eucharistie» — (Paris, 1883).

Para os que cremos, porém, convictamente, mesmo sem ver milagres, acima de tudo vale a palavra de Cristo, que não pode mentir e não queria enganar a ninguém: "Tomai e comei, isto é o meu corpo".

**Que deve fazer quem sente vacilante a sua fé na presença real de Cristo na Eucaristia?**

Deve reafirmar constantemente, pela oração, a sua fé nas palavras do Senhor.

Notemos que a fé não é ato da inteligência a compreender o mistério. É, sim, ato da vontade fazendo a inteligência se submeter à revelação divina.

Dirá, pois, a alma de fé vacilante: "Sinto repugnância em crer, porque não entendo. Não obstante, quero crer, porque sei que Deus, soberana inteligência não erra, soberana verdade não me engana, soberano poder tudo pode realizar. . . Submeto, pois, minha inteligência ao mistério que não posso penetrar. . . Eu quero sinceramente crer, apesar das oposições da minha ignorância e rebeldia. *"Eu creio, Senhor! ajuda, porém, a minha incredulidade!"* (Marcos, 9, 23)

A esta oração repetida, ajuntará o homem de fé trepidante o estudo dos motivos de credibilidade na Eucaristia, os quais vêm pro-

postos em nossos bons catecismos e apolo-  
géticas.

---

## II

## De que modo está Jesus Cristo na Eucaristia

De que modo Nosso Senhor está presente na hóstia, pois que não é aí percebido pelos sentidos?

Responde a teologia que o Senhor está presente na hóstia *a modo de substância*. E, como a substância dos seres foge à percepção dos sentidos, assim não pode Cristo ser aí percebido.

Precedentemente dissemos que Jesus está aí presente *a modo de espírito*, o que exprime a mesma verdade teológica. Sòmente devemos precaver-nos de supor que *presença a modo de espírito* exclua a presença do Corpo de Nosso Senhor. E' exatamente o Corpo de Cristo que está aí de *modo espiritual*, isto é, fora das leis ordinárias a que se sujeitam os corpos e, antes, regendo-se por leis que regem os espíritos. E' o Corpo de Cristo que aí está, porém *a modo de espírito*.

Como a terminologia *estar presente a modo de espírito* pode induzir o leitor não

atento ao êrro contra que o premunimos, a maioria dos teólogos com Sto. Tomás prefere dizer que Cristo está presente na Eucaristia *a modo de substância*.

**Este modo de estar presente é um modo natural, ou extraordinário?**

Está claro que é um modo extraordinário, milagroso, de que não há exemplo em a natureza. O Concílio Tridentino afirmou que Cristo está na hóstia consagrada em virtude de uma conversão "maravilhosa e singular da substância do pão na substância do Corpo de Cristo". (Dez. 884)

Dizendo que esta conversão é "singular," quer o Santo Concílio dizer que não existe outro exemplo símile na natureza. Dizendo-a "maravilhosa", significa que excede as forças naturais e se realiza por ação particular de Deus; daí também um dos motivos por que o Sacramento da Eucaristia é justamente chamado "mistério de fé".

"Esta conversão maravilhosa e única, diz ainda o Concílio, foi conveniente e própria-mente denominada, pela Igreja Católica, *transubstanciação*." (Dez. 877)

Como podemos saber que houve de fato esta mudança de substância ou transubstanciação do pão para o Corpo de Cristo, se o Evangelho não nos fala de tal cousa?

O Evangelho não emprega o termo *transubstanciação*, mas os textos que provam a presença real de Jesus na Eucaristia provam indiretamente a transubstanciação. Pois a presença real não se pode entender, nos termos em que Jesus no-la assegurou, senão mediante a conversão da substância do pão na substância do Corpo de Cristo.

Vejamos. Jesus toma o pão e afirma: «Isto é o meu corpo». No momento em que toma entre as mãos o pão, *isto* ainda é pão. Pelo poder onipotente de sua palavra, Ele quer operar um milagre que o torne presente de modo novo. E Ele diz: "Isto é o meu corpo". *Isto*, que há alguns segundos antes, era pão, agora é o meu corpo.

Esta palavra pronunciada sôbre o pão: "Isto é o meu corpo" — significando òbviamente que *isto* (que era pão) é agora *Jesus Cristo*, afirma claramente que houve uma mudança no sêr apresentado aos nossos sentidos.

O sêr apresentado converteu-se essencialmente em outro, mediante as palavras di-

vinas do próprio Verbo. Esta conversão essencial, porém, não atinge as exterioridades do sêr, não atinge isto que chamamos *acidentes* (côr, cheiro, forma externa, quantidade extensiva, etc.) pois os *acidentes* permanecem os mesmos (de pão). Logo, houve uma mudança no íntimo do sêr essencial, que os filósofos chamam *substância*.

Muito cabível, portanto, o ensinamento do Concílio Tridentino: "Porque Jesus Cristo nosso Redentor disse que o que Ele oferecia sob as aparências de pão era verdadeiramente seu Corpó, por isso, sempre foi persuasão da Igreja de Deus — e agora o Santo Concílio o declara de novo — que pela consagração do pão e do vinho se efetua a conversão de tóda a *substância* do pão na substância do Corpo de Nosso Senhor, e de tóda a substância do vinho na substância de seu sangue. Esta conversão foi conveniente e propriamente denominada, pela Santa Igreja Católica, *transubstanciação*". — (Dez. 877, 997, 1469).

Por que a Santa Igreja preferiu o termo *transubstanciação* para designar o grande milagre da presença real? Não poderia usar outro?

A Igreja usa êste termo, e não outro, por-

que êste exprime, com exatidão filosófica, a realidade do fato miraculoso da presença real. Nenhum outro modo de dizer seria tão exato, dizem os teólogos.

*Transubstanciação* designa um trânsito ou passagem da totalidade de uma substância (matéria e forma) para outra; e é isto, precisamente, o que se deu no milagre eucarístico.

**Não poderia a Igreja empregar a palavra transformação?**

A palavra transformação (mudança de forma) (1) não exprimiria a realidade eucarística. Filosoficamente, *mudança de forma* não é o mesmo que *conversão de substância*. Numa mudança de forma *permanece a matéria prima* como termo de trânsito de uma forma para outra; a água transformando-se em vapor e a madeira transformando-se em carvão têm a matéria prima como suporte permanente que perde e adquire formas.

Na completa conversão substancial ou

---

(1) A palavra **forma** está aqui empregada em sentido filosófico. Não exprime conformação externa do objeto. E' antes a realidade interna que atualiza a matéria prima, como dizem os filósofos.



transubstanciação não fica matéria como suporte da mudança. O *todo* substancial é mudado. Assim, na Eucaristia, pão e vinho, mudados no Corpo e Sangue de Cristo, perdem não só as formas de pão e vinho mas também a própria matéria; forma e matéria que constituem a *substância do pão* se convertem na *matéria e forma do Corpo de Cristo*.

Dáí se vê que a transubstanciação é um milagre. As *mudanças de forma* são fenômenos *naturais*, e não miraculosos. A matéria muda de forma mediante a corrupção de uma forma precedente e o natural e consequente aparecimento de nova forma. Assim a madeira que se queima transforma-se em carvão pela corrupção natural da forma de madeira e aparecimento natural da forma de carvão; o alimento se transforma em sangue pela natural corrupção da forma alimento e aparecimento natural da forma sangue em nosso organismo. As *transformações* podem, pois, realizar-se e comumente se realizam *pelos princípios ativos da natureza*. Não assim uma *transubstanciação* propriamente chamada. Não há, em nossa natureza, mudança ou conversão total de substâncias, propriamente, no sentido filosófico, senão mediante ação miraculosa. É a única

(“*maravilhosa e singular*”, diz o *Tridentino*)  
é a *transsubstanciação eucarística*.

A Teologia ensina que, na Eucaristia, permanecem os acidentes de pão e vinho. Os acidentes não são matéria? E como se disse acima que a matéria e a forma do pão foram mudadas na matéria e forma do Corpo de Cristo?

Não se devem confundir os termos filosóficos *matéria* e *acidentes*. A matéria *tem* acidentes, *reveste-se* de acidentes; mas não é acidente.

Os filósofos ensinam que, em todo sêr dêste mundo perceptível, há a considerar a *substância* (resultante de matéria e forma) e os *acidentes* (que manifestam a substância exteriormente).

A substância é a realidade intrínseca, subsistente por si, inatingível aos sentidos, imutável através das mudanças por que passa constantemente o sêr. Os acidentes são realidades externas, insubsistentes em si mesmas e subsistentes na substância e dela dependentes. O pão, por exemplo, apresenta-se com um conjunto de realidades efêmeras, insubsistentes em si: quantidade, tamanho, pêso, sabor, côr, princípios nutritivos, etc. Estas realidades não existem e não podem

existir senão num "sujeito" que seja delas capaz; êste "sujeito" é a "substância», realidade intrínseca, que faz com que o pão seja pão, e não outro sêr.

Nesta realidade intrínseca — substância do pão — os filósofos ainda vêem: *matéria* e *forma*. A *matéria* é um "substratum" comum a todo sêr *material* e que se determina pela *forma*, constitutivo do sêr em determinada categoria do mundo material.

A *matéria* e a *forma* são realidades intrínsecas de todo sêr *material*. São imperceptíveis, atingíveis tão só através dos *acidentes* pela abstração de nossa inteligência. A *matéria* é, pois, filosoficamente, uma realidade completamente distinta dos *acidentes*. Somos levados a confundir *matéria* com *acidentes* porque ela se nos apresenta no universo sempre revestida dos *acidentes*, principalmente do acidente *quantidade*.

Concluimos: os *acidentes* que na Eucaristia permanecem (*côr*, cheiro, tamanho, pêso, quantidade, princípios nutritivos do pão ou do vinho) não aderem mais às *substâncias* de pão e de vinho; portanto, não aderem à *matéria*, nem à *forma* de pão e de vinho, que não mais existem onde não existe *substância* de vinho e pão.

**Se um acidente não pode existir sem a substância a que deve aderir, como existem na Eucaristia acidentes de pão e de vinho, se ali não existem substâncias de pão e de vinho?**

Os acidentes de pão e de vinho subsistem misteriosamente na Eucaristia sem o sujeito ou substância de que são próprios — ensina Sto. Tomás. — E' o mesmo poder de Deus que sustenta êstes acidentes.

**Por que não transmudou Deus também os acidentes de pão e vinho e os deixou na Eucaristia?**

Por dois motivos: 1. Por exercitar a nossa fé. — 2. Por destinar-se a Eucaristia a ser alimento.

Se fôsem mudados os acidentes de pão e vinho, ou Cristo os converteria nos acidentes próprios de sua Humanidade ou em acidentes diversos, talvez os de sua imagem. Na primeira hipótese, nenhum mérito teria a nossa fé; na segunda como na primeira, não poderia Nosso Senhor vir a ser o nosso alimento, como prometera e desejava.

Precisamente porque Cristo queria ser alimento das almas — *«Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós»* —

(João, 6, 53). — foi que se ocultou sob espécies de pão e vinho.

Para estar presente na hóstia, podia Cristo recorrer a outro modo que não o da «transubstanciação»?

Certamente podia, se o quisesse. A verdade, porém, é que suas palavras — “Isto é o meu corpo” — somente se podem compreender recorrendo-se à “transubstanciação”, como vimos.

E se alguém afirmasse a presença de Cristo na Eucaristia por outro modo, cometeria êrro doutrinário?

Cometeria gravíssimo êrro e seria um herege, pois a Santa Igreja definiu que a presença do Senhor no Smo. Sacramento é em virtude da *transubstanciação*. E ninguém pode negar tal sem heresia. (Dez. 884) (1)

Assim erraram, apesar de afirmar que Cristo estava presente na hóstia: Lutero, Wicleff, e numerosos heresiarcas. Admitiam a

---

(1) Si quis... negaveritque mirabilem illam et singularem conversionem totius substantiae panis in corpus et totius substantiae vini in sanguinem, manentibus dumtaxat speciebus panis et vini, quam quidem conversionem catholica ecclesia aptissime transubstantiationem appellat: A.S.

presença de Cristo na Eucaristia, mas explicavam-na hereticamente. Ensinavam que Cristo ali estava com a substância do pão ou na substância do pão, ou sob a substância do pão.

Alguns, como Osiander, chegaram a dizer que Cristo está na Eucaristia por uma espécie de união hipostática: "Assim como o Verbo assumiu a natureza humana e a uniu a si, da mesma forma — diziam — Cristo, na Eucaristia, une a si o pão e o vinho". Houve luteranos que ensinaram estar Cristo na hóstia em virtude da "ubiquidade divina".

Está claro que, em todas estas hipóteses, Cristo não podia dizer, como disse: — "*Isto* (substância de pão) é o *meu corpo*". Teria que dizer: "Eu estou presente nisto", ou então: "Eu me uno a isto", etc.

Só a *transubstanciação*, portanto, explica o modo pelo qual Cristo está presente na Eucaristia, em congruência com as palavras da Escritura.

Mas, como se disse acima, não existe exemplo de *transubstanciação* na natureza; como pôde Cristo violar as leis da natureza operando a *transubstanciação* eucarística?

Cristo, Deus que é, e autor da natureza,

portanto autor também de suas leis, podia realizar o que naturalmente não se realiza segundo leis ordinárias.

No Evangelho, vêmo-lo realizando estupendos milagres. Haja vista a ressurreição de Lázaro, a multiplicação dos pães, a cura à distância de um servo do centurião, o haver-se transfigurado no Tabor, o ter ressuscitado, aparecido e se ocultado aos Apóstolos; todos fenômenos não sujeitos a leis ordinárias da natureza. Quem fez tudo isto podia também efetuar uma transubstanciação colocando-se oculto, misteriosamente, na Eucaristia. Por que não?

A palavra de Jesus *realiza o que significa*. Ele disse: — "Lázaro, sai fora do sepulcro!" e Lázaro saiu. Ele disse ao vendaval da tempestade: — "Cala-te e emudece!" e o temporal cessou. Se Ele disse — "Isto é o meu corpo", cumprindo a promessa de dar seu corpo como alimento, suas palavras tinham bastante poder para realizar o que significavam, ou seja, uma transubstanciação do pão e do vinho em seu corpo e sangue.

Como pode Cristo, com seu Corpo, estar presente em milhares de hóstias, em muitos e diversos lugares, e estar, ao mesmo tempo, no Céu? Por sua Divindade, compreende-se ainda... mas seu Corpo não pode estar em tantos lugares...

Jesus está presente em tôdas as hóstias consagradas e também no céu e isto com o seu Corpo real, vivo e verdadeiro e não só pela Divindade. E' o que nos manda crer a fé. O "como" de tal mistério transcende nosso entendimento, mas não é contraditório, antes é filosoficamente explicável à razão humana.

Já dissemos que Cristo está na hóstia a modo de substância, isto é, como as substâncias estão sob os acidentes. Ora, a substância está sob os acidentes não localizada, não circunscrita por partes às partes dos acidentes. A substância, imaterial que é, não tem partes para se circunscrever às partes dos acidentes. Nem tão pouco existe para ela espaço e distância. Espaço e distância são relativos à quantidade, que é acidente da matéria. Por isto, dizem os filósofos que a substância está tôda em todo o ser e tôda em cada parte mínima do ser e tôda em todos os seres da mesma espécie, independente de espaço. A substância de muitos seres da mes-



ma espécie é a *mesmíssima* em todos os seres desta espécie e está em todos êles *completa*, por mais distantes e diferenciados acidentalmente. Assim, a substância de pão está *completa* em todos e em cada um dos pães do mundo, por mais diferenciados que sejam. O ser pão convém a todos os pães e não se localiza *circunscritamente* em nenhum pão e não se distancia de um pão para outro.

Ora, dizendo que o Corpo de Cristo se acha na hóstia e no cálice *a modo de substância*, óbvio que êle não se *localiza* nem nesta nem naquela hóstia, como não se localiza em partes determinadas da hóstia. Cristo está todo em cada partícula consagrada, e está *completamente* num fragmento separada da Hóstia, do mesmo modo que a substância de pão estava, antes da consagração, *totalmente* na obreia de trigo e em qualquer minúsculo fragmento dela. De igual maneira estará na hóstia que se consagra na Ásia e na que se consagra na América, assim como a substância do pão na Ásia e na África é a *mesmíssima*. (1)

---

(1) Nem se objete que a substância dêste pão na Ásia é *individuada* e portanto *distinta* da substância dos outros pães. A substância de pão, enquanto substância, é a mesma

Concluindo: no Céu, Jesus está *localmente*, com sua Humanidade Santa; na Eucaristia, está *sacramentalmente* (do modo próprio a êste Sacramento) com esta mesma Humanidade. E o "modo próprio" dêste Sacramento é o modo de substância.

**Estando na Eucaristia a modo de substância, está Jesus aí de modo imaterial, portanto sem as dimensões extensivas de seu corpo?**

Cristo não está no Sacramento sem as dimensões extensivas de seu corpo. Está aí com tôdas elas, com seu tamanho natural, com a integridade de seus membros huma-

---

para todos. E se, neste pão, ela se individua, isto se dá não enquanto ela é substância, mas sim enquanto afetada do acidente quantidade. Sabemos que as substâncias se individualizam «*materia signata quantitate*» como axioma a filosofia.

Igualmente, não se pode deduzir de quanto dissemos que transsubstanciada a substância de um pedaço de pão, por isto transsubstanciada está tôda e qualquer substância de pão existente. O que se transsubstancia é precisamente esta substância determinada, sob êstes acidentes de pão.

Logo, embora Jesus esteja, em virtude da presença a modo de substância, sob muitas e divesas aparências, independentemente de espaço, só estará e só poderá estar sob estas espécies que foram atualmente consagradas e transsubstanciadas.

nos, com a própria matéria de seu corpo. Somente, por um milagre inaudito, estas dimensões extensivas de Cristo, seus membros, etc. estão aí presentes a modo de substância, isto é, pelo mesmo modo que a substância do pão estava nele antes de consagrado, portanto, sem ocupar lugar, sem relação de distâncias, sem estender partes quantitativas e circunscrevê-las a extensões determinadas — que êste é o modo de estar das substâncias.

Como se vê, é modo extraordinário, maravilhoso, de que não há outro exemplo no mundo criado. Mas, quem ousaria negar a Deus Nosso Senhor poder para tanto?

Se Cristo está na hóstia a modo de substância, e a substância em si é incorruptível, que dizer da presença real quando a hóstia se deteriora?

A presença de Cristo na hóstia se dá a modo de substância e tal presença se condiciona aos acidentes de pão e vinho cuja substância foi maravilhosamente convertida em seu corpo e sangue. As espécies sagradas são sinal e condição de sua presença. Por isto, quando as espécies se alteram de maneira que, se não transsubstanciadas, haveria de cessar nelas a substância de pão

e vinho, então cessa de estar presente sob elas o Corpo e o Sangue de Cristo.

Muito lógica esta doutrina. Pois a substância do pão e do vinho não foi *substituída, e sim convertida, transsubstanciada; de substância de pão e vinho passou a ser substância do Corpo e do Sangue de Cristo sob os mesmos acidentes*. Logo, êstes que antes condicionavam externamente a presença da substância do pão e lhe serviam de sinal, condicionam agora e assinalam a presença da substância do Corpo de Nosso Senhor.

Noutras palavras: os acidentes da hóstia exercem para com a substância do Corpo de Cristo a mesma função que exerciam para com a substância do pão antes de consagração. A substância do pão só existia onde êles existiam incorruptos. Assim também, a substância do Corpo de Cristo só subsistirá sob êles enquanto êles subsistirem.

Acresce ainda que Cristo se tornou presente sob as espécies de pão e vinho por querer tornar-se alimento. Portanto, tão logo as aparências de pão e vinho percam as virtualidades alimentícias pela corrupção, cessa a utilidade da presença de Cristo... (1)

---

(1) Daqui se infere também a razão por que não seria válida a consagração do pão ou vinho totalmente deterio-

**Que conclusões tirar do modo pelo qual Cristo está presente na Eucaristia?**

Podemos tirar variadas conclusões, úteis ao conhecimento da Eucaristia. Enumeremos três:

1. Este modo de presença está fora de toda lei natural e se efetua pelo poder de Deus. Logo, para entendê-lo, necessitamos do auxílio da fé, da humildade, da oração.

Por isto, conforme o aviso da "Imitação de Cristo", devemos fugir de querer perscrutar este Sacramento com estudos simplesmente terrenos se não queremos submergir num abismo de confusões e dúvidas. "Mais pode Deus fazer que o homem entender". (1).

2. A presença a modo de substância é a "chave" de todas as soluções dos problemas eucarísticos. Quer no tocante à presença real, quer no tocante ao sacrifício, quer no tocante à comunhão sacramental, numerosos problemas se esclafecem à luz deste enunciado

---

rados. E' que, deteriorados, estes acidentes não aderem mais às substâncias de pão e de vinho, as únicas que por ordenação divina podem ser transubstanciadas no Corpo e Sangue de Jesus Cristo.

(1) «Imitação de Cristo», Liv. IV, Cap. 18.

universal: Cristo está aí presente *a modo da substância*.

3. Não é com o auxílio da imaginação e fantasia que haveremos de entender, quanto é possível ao humano entendimento, êste modo de presença de Nosso Senhor. Alguns conhecimentos filosóficos são necessários, amparados sempre pela luz da fé.

Não raro os ataques dos ímpios ao dogma da presença real procedem da ignorância do sentido exato em que êle é proposto à nossa crença. Com algumas noções de filosofia sobre substância e seu modo de estar sob os acidentes, os protestantes veriam quão ineptos e infundados os seus ataques.

---

# **○ Sacrificio Eucarístico**

## I

## Natureza dêste sacrifício

Em que sentido a Eucaristia é o prolongamento da Redenção?

A Eucaristia é o prolongamento da Redenção porque se consagra e celebra sob a forma de verdadeiro sacrifício, *renovação e atualização do mesmo Sacrifício do Calvário em que se consumou nossa Redenção.*

Assim como, *atualizando a presença da Humanidade de Cristo*, a Eucaristia é o prolongamento da Encarnação, *atualizando e tornando presente de modo novo o Sacrifício do Calvário* a Eucaristia é o prolongamento da Redenção.

Que quer dizer «atualizar e tornar presente de modo novo» o Sacrifício do Calvário?

Quer dizer que Jesus Cristo, real, verdadeira e substancialmente presente neste Sacramento, por prodígio não menos admirável e misterioso, no ato em que é consagrado sob espécies distintas de pão e de vinho, aí se



coloca em estado de vítima, tornando atual, de modo não sangrento, o mesmo Sacrifício de outrora, e aplicando atualmente os seus frutos de santificação.

O Sacrifício de Cristo é único e se fêz uma só vêz, como diz São Paulo (Hebr. 9, 26; 27 e 28; 10, 14).

Do mesmo modo, como se realizou no Calvário, isto é, sangrentamente, não se pode atualizar, porque Cristo ressurgido não morre mais. De modo porém, incruento, modo novo, portanto, — o poder infinito do Senhor o pode atualizar misteriosamente, no ato em que o rememoramos, segundo a ordem do mesmo Senhor: "Fazei isto em memória de mim".

"O augusto Sacrifício da altar não é, pois, uma pura e simples comemoração da Paixão e Morte de Cristo, mas um verdadeiro e pròpriamente dito Sacrifício, no qual, imolando-se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz o que fêz uma vez sôbre a cruz, oferecendo-se totalmente ao Pai eterno como hóstia gratíssima" — diz Pio XII na Enc. "Mediator Dei".

**Por que o Papa diz, no texto citado, que o Sacrifício da altar é «um verdadeiro e pròpriamente dito Sacrifício»?**

Porque o Sacrifício do altar satisfaz a tôdas

as condições de um "verdadeiro e propriamente dito Sacrifício".

A noção que universalmente se tem de sacrificio é a da oblação de um objeto sensível, com sua imolação, feita por um Sacerdote a Deus, para adorá-lo, agradecer-lhe, pedir-lhe perdão e implorá-lo.

Em todos os tempos e entre todos os povos, ainda os mais primitivos, existiu o costume de oferecer sacrificios a Deus. Êstes sacrificios eram sempre constituídos de cousas sensíveis, que os homens ofereciam em substituição de suas pessoas, com os fins supra enumerados, e por mãos de sacerdotes, que eram tidos como deputados officiais para o culto divino em nome da sociedade.

Através da Sagrada Escritura vemos que Deus recebe e pede tais sacrificios a seu povo eleito. Haja vista os Sacrificios de Abel (Gên. 4, 3-5), de Noé (id. 8, 20), de Abraão (Gên. 15, 17-22) e as numerosas prescrições que Deus fêz relativamente aos Sacrificios (Ler: Lev.10 primeiros capítulos).

Temos, pois, que, segundo o entender natural do homem e a vontade ordenada de Deus, o culto divino se faz pelo Sacrificio, e que o Sacrificio é oferta ou oblação de cousa sensível de acôrdo com as noções que enunciamos acima.

Êste conceito de Sacrifício completou-se e foi sublimado no Sacrifício de Cristo, Deus-Homem. Fazendo-se um de nós, revestindo um corpo real e passível, Êle se colocou em lugar de tôdas as oblações sensíveis, que já não eram do agrado de Deus (Sl. 39, 7) e se ofereceu uma vez por tôdas como vítima pela humanidade, imolando-se, obtendo nossa santificação e rendendo glória completa ao Senhor. (Cf. Ep. aos Hebr., cap. 7, 10).

Ora, precisamente êste Sacrifício de Cristo, o mais perfeito e acabado Sacrifício, onde Cristo é Vítima e Sacerdote,—*Sacrifício feito uma vez cruentamente no Calvário* — é que de novo se oferece, atualiza e aplica às almas sôbre o altar, de modo incruento e misterioso.

Eis porque o Soberano Pontífice pôde dizer que o Sacrifício do altar é "um verdadeiro e pròpriamente dito Sacrifício".

Então o Sacrifício eucarístico é o mesmo do Calvário e não outro, embora de Cristo?

Não faltam teólogos que afirmem uma *identidade absoluta, numérica mesmo, entre o Sacrifício do Calvário e a Missa.* (1)

---

(1) Vide Dictionnaire de Théol. Tom. X, 1286.

Outros propugnam uma diferença *real*, de número e de espécie, entre êstes sacrifícios, embora não neguem a unidade de ordem entre êles. (2).

A Igreja não desceu a pormenores de distinções. Ela sòmente definiu que:

1. O Sacerdote e a Vítima do altar e do Calvário são *idênticos numérica e substancialmente*: "Uma e a mesma é a Vítima e Aquêlê que oferece pelo ministério dos Sacerdotes é o mesmo que, outrora, se ofereceu na Cruz..." — (Conc. Trid. Sess. XXII, Cap. II).

2. O modo pelo qual êste Sacerdote único e única Vítima se oferece é um modo diverso no altar e na Cruz. (id., Ib.)

3. E' também um dogma católico a unidade do Sacrifício de Cristo. Isto é, Cristo fêz um só *Sacrifício de si mesmo*. São Paulo o afirma, positivamente, em Hebr. 9, 26-28 e 10, 12 e 14.

Entretanto, das definições do Conc. Tridentino e das exposições da "Mediator Dei" resalta uma *distinção* entre o Sacrifício do Calvário e Sacrifício da Eucaristia. Reafirmando a *única oblação* de Cristo na Cruz, o Concílio

---

(2) Lahitton, Theol. Dogmaticae theses (Beauchesne, 1932 — T. IV, p. 456).

define claro que Jesus, cujo sacerdócio não devia extinguir-se pela morte, quis deixar à sua Igreja "um sacrifício visível, como o reclama a natureza humana, próprio para representar aquêle *Sacrifício* cruento que ia consumir-se uma vez por tôdas sôbre a cruz".

Neste tópicó, está afirmada, positivamente, uma dualidade de sacrifícios: sacrifício cruento da Cruz e o *Sacrifício* visível do altar que representa o primeiro!

Prosseguindo nas suas definições, o mesmo Concílio define que Cristo instituiu *uma nova Páscoa, na qual Ele devia ser imolado pela Igreja sob sinais visíveis mediante o ministério dos Sacerdotes*". Donde se infere que o *Sacrifício* do altar não é sòmente "comemoração do *Sacrifício* cruento", mas "verdadeiro e propriamente dito *Sacrifício*", diz a "Mediator Dei" — pois "imolando-se incruentamente, o Sumo Sacerdote faz o que fêz uma vez sôbre a Cruz..."

Concluindo, sem descer a pormenores de distinções, dizemos que o *Sacrifício* da missa é o *Sacrifício* de Cristo feito uma vez cruentamente sôbre a Cruz e atualizado **MISTERIOSAMENTE DE MODO INCRUENTO SOB AS ESPÉCIES SACRAMENTAIS** para aplicação atual dos copiosos **FRUTOS** do Calvário.

**Mas, no Calvário, se deu a morte de Cristo; aqui não pode Cristo morrer, pois Ele é hoje glorioso... E a morte não é da essência do Sacrifício de Cristo?**

Notemos que o Sacrifício de Cristo é uno e o seu Sacerdócio é eterno. E como sacerdócio e sacrifício são correlativos, o Sacrifício uno deve perdurar enquanto perdurar na Igreja a função sacerdotal de Cristo, Sacerdote eterno. E este Sacrifício único—que inclui a morte de Cristo, — por um prodígio do poder divino se torna presente sob símbolos sacramentais, para aplicar atualmente os seus ubérrimos frutos. Logo, não se trata de Cristo morrer de novo sobre o altar. Trata-se de estender místicamente até nós a morte efetivada no Calvário — ainda que Cristo seja atualmente glorioso e impassível — e aplicar os seus divinos efeitos.

Dizemos, pois, que é da essência do Sacrifício redentor a morte, sinal do holocausto absoluto de Cristo por nossas almas. E esta morte se deu no Sacrifício único de Nosso Senhor, de que a Santa Missa é a atualização sacramental.

**Mas como se pode realizar esta «atualização sacramental» de um fato passado há dois mil anos?**

Pelo poder infinito de Deus. O mesmo poder

soberano que pode colocar-se presente sob as espécies sacramentais, pode também colocar-se aí em estado de Vítima, atualizando o holocausto do Calvário.

Do mesmo modo pelo qual Jesus se acha presente em muitos pontos do universo e em milhões de hóstias, também dêste mesmo modo atualiza milhares e milhões de vêzes o seu único Sacrifício.

O poder de Deus pode realizar tudo o que não induz contradição metafísica. Caso contrário, não seria poder infinito.

Ora, já vimos que a presença a modo de substância não induz nenhuma contradição, conforme os ensinamentos da filosofia.

E é em virtude dêste mesmo modo de presença que, sobre os altares, no instante da consagração, se torna presente também o Sacrifício único de Jesus Cristo.

**Em que difere o Sacrifício de Cristo na Cruz e na Missa?**

A diferença está no modo sob que Cristo faz a oblação de si mesmo; na Cruz éle a fez de modo *cruento* e *patente*, sem véus de mistérios; na Missa, atualizando e representando o mesmo Sacrifício, éle faz a oblação de si mesmo de modo *incruento*, imolando-se sob véus ou símbolos sacramentais.

O Sacrifício da Missa continua a ser um Sacrifício *visível*, porém *visível* doutro modo. O Sacrifício *visível* e *sangrento* do Calvário é-nos agora apresentado *realmente presente* de modo *incruento*, mas *visível* somente sob os *signos sacramentais*.

O modo pelo qual se apresentou ao mundo o Sacrifício de Cristo no Calvário foi o modo *cruento* e *visível* sem símbolos; o modo pelo qual se nos apresenta agora é o modo *incruento*, e *visível* sob símbolos *sacramentais*.

Não bastava o Sacrifício da Cruz? Por que renová-lo cotidianamente?

O Concílio de Trento já respondeu a esta pergunta, dizendo que Cristo quis "deixar à Igreja, sua Espôsa, um Sacrifício visível".

Um grande teólogo — Cardeal Billot — salienta que o característico especial do Sacrifício da Missa, pelo qual êle se diferencia do Sacrifício da Cruz, é que êle é o *Sacrifício da Igreja, Corpo Místico*. (1)

A imolação cruenta do Calvário é a imolação da Cabeça, a santificar os membros

---

(1) «De Ecclesiæ Sacramentis». Quæstio LXXXIII, § 3, p. 549 e sgts. (Roma, tertia ed).



e a incorporá-los a si. No Calvário foi que nasceu a Igreja, Corpo Místico, segundo a doutrina de Pio XII. A Igreja, portanto, só participou do Sacrifício da Cruz *passivamente*.

No altar, na imolação incruenta, os membros já santificados e incorporados a Cristo vão *participar ativamente* no sacrificio redentor.

Por isto, certamente, o Concílio de Trento, falando da instituição do Sacrifício da Nova Lei, diz que, neste Sacrifício, Cristo "*devia ser imolado sob sinais visíveis pela Igreja mediante o ministério de Sacerdotes*". — (Sess. XXII, Cap. I).

**Por que Jesus quis renovar o seu Sacrifício sob símbolos sacramentais e não sob outra forma?**

A esta pergunta vamos responder, ainda, com as palavras do Concílio de Trento: — "*Na última ceia, na noite em que ia ser entregue, querendo (Jesus) deixar à Igreja, sua Espôsa amada, um Sacrifício visível como o exige a natureza dos homens, que representasse o Sacrifício cruento a realizar uma só vez na Cruz, e para que a sua memória durasse até à consumação dos séculos e a sua salutar virtude fôsse aplicada para a remis-*

são dos nossos pecados cotidianos... ofereceu a Deus Pai o seu Corpo e o seu Sangue sob as espécies do pão e do vinho e, sob as mesmas espécies, entregou Corpo e Sangue aos Apóstolos, que, então, constituiu Sacerdotes do Novo Testamento, para que o recebessem, mandando-lhes, e aos sucessores deles no sacerdócio, que fizessem a mesma oblação". (Conc. Trid. Sess. XXII, Cap. I).

Daí se vê que, por três motivos principalmente, quis Jesus renovar seu Sacrifício sob símbolos sacramentais:

1) Para deixar à Igreja através dos séculos um sacrifício visível "como exige a natureza dos homens". O Sacrifício da Cruz seria atualmente invisível para a Igreja, não condicente, pois, com o culto atual que os homens devem prestar a Deus.

2) Para que, através dos séculos, houvesse sempre uma lembrança eficaz do Sacrifício realizado uma vez sobre a Cruz.

3) Para que a "salutar virtude do Sacrifício da Cruz fôsse aplicada para remissão dos nossos pecados cotidianos".

E o motivo porque Nosso Senhor quis que os símbolos sacramentais fossem *pão e vinho e não outros quaisquer*, é a participação que Ele queria tivéssemos no seu divino holocausto por meio da *manducação da Viti-*

ma. Costume era nos sacrifícios mais solenes, quer de ordenação divina, quer de instituição humana, que os oferentes comungassem da Vítima em sagrado festim, que os unia a todos com os Sacerdotes.

Inegavelmente, pão e vinho era forma de tôdas a mais apta que Cristo podia encontrar para nossa comunhão no augusto Sacrifício.

**Por que o Sacrifício foi instituído sob duplo símbolo sacramental de pão e vinho? Não podia ser somente sob um dêles?**

Um só dos símbolos sacramentais, ainda contendo Cristo *todo*, não seria símbolo eficaz do Sacrifício. Era preciso um sinal externo que significasse a morte do Redentor. "Os símbolos sacramentais realizam o que significam", ensinam os teólogos. Para que se efetivasse, pois, na ordem da graça, a realidade de um Sacrifício, eram de mister símbolos que significassem a morte de Cristo. Êstes símbolos são as espécies consagradas, separadamente, em Corpo e Sangue do Senhor.

"Com efeito — explica o Papa Pio XII — na Cruz, Êle ofereceu totalmente a Deus o seu sêr e os seus sofrimentos, e a imolação

da Vítima foi consumada por meio duma morte cruenta livremente sofrida; no altar, ao contrário, por causa do estado glorioso da sua natureza humana, "a morte não mais tem domínio sôbre Êle", (Rom. 6, 9) e por isso não é possível efusão do Sangue; mas a divina Sabedoria encontrou o modo admirável de tornar manifesto o Sacrifício do nosso Redentor por meio de sinais externos que simbolizam a morte. De fato, pela "transubstanciação" do pão no Corpo e do vinho no Sangue de Cristo, tem-se realmente presente tanto o seu Corpo como o seu Sangue; e as espécies eucarísticas, sob as quais está presente, simbolizam a cruenta separação do corpo e do sangue. Assim, a comemoração de sua morte, que foi real no Calvário, repete-se em cada Sacrifício do altar, porque, por meio de símbolos distintos, Jesus Cristo é significado e se nos mostra em estado de Vítima". (Enc. "Mediator Dei").

---

## II

## Participação no Sacrifício eucarístico

O Sacrifício eucarístico, como se disse, foi instituído para aplicar-nos a virtude salutar do Sacrifício redentor; logo, participamos todos nós de seus frutos?

Perfeitamente. Todos participamos, de modo geral, dêste Sacrifício que nos aplica os frutos do Calvário. Não existe alma cristã que se possa frustrar aos seus insignes benefícios *universalísimos*.

Entretanto, notemos que não há a considerar no Sacrifício eucarístico somente a virtude salutar *universalíssima*. Não se dá, também, somente, uma *participação comum* de todos os homens membros de Cristo, neste Sacrifício.

Defluem do Sacrifício do altar diferentes e ubérrimos frutos que são aplicados a cada alma conforme a participação *eficiente* que ela buscar ter neste Sacrifício.

Deve-se mesmo dizer que a virtude univer-

salíssima do Sacrifício redentor não salva se-  
nã aquêles que dela se queiram aproveitar.  
"Portanto — ensina a "Mediator Dei" — pa-  
ra que, com aprazimento de Deus, se realize,  
para todos os indivíduos e para tôdas as ge-  
rações até à consumação dos tempos, a obra  
da Redenção e salvação, é absolutamente  
necessário que cada um dos homens se po-  
nha em contacto vital com o Sacrifício da  
Cruz e assim lhe sejam transmitidos e apli-  
cados os merecimentos que dêle derivam".

**Quais são os principais frutos do divino Sacrifício  
do altar?**

Distinguem os teólogos tríplice fruto do Sto.  
Sacrifício:

1. Fruto *geral* ou *universalíssimo*, que se  
aplica de modo geral a tôda a Igreja.

E' em virtude dêste fruto geral que dizía-  
mos, na questão precedente, não haver alma  
de justo ou de pecador que de algum modo  
não se beneficie da Santa Missa; os pecado-  
res recebem aí fruto de conversão, e os jus-  
tos aumento de graças.

E' que a Missa — já o dissemos também  
precedentemente — é o *Sacrifício cultural da  
Santa Igreja*, ou o *Sacrifício do Corpo Misti-*

co. Todos, portanto, que são filhos da Igreja de qualquer modo pelo batismo, todos quantos estão unidos ao Corpo Místico, ainda como membros mortos, recebem da plenitude dêste divino holocausto, conforme as disposições pessoais.

2. Fruto *especial* ou *nominal*, que se aplica à pessoa por quem nominalmente é oferecida a Santa Missa.

O costume imemorial existente na Igreja de aplicar-se o fruto da Missa, determinada e nominalmente, para uma ou mais pessoas ou intenção pessoal, justifica a afirmação de que existe um *fruto especial* neste divino Sacrifício.

3. Fruto *especialíssimo*, que se aplica ao Sacerdote, ministro do Sacrifício.

Como o Padre celebrante faz as vêzes de Cristo e Cristo se oferece por mãos dêle, é patente que não há união maior com a divina Vítima do que esta. E por isto que união mais estreita deve significar maior participação nos frutos da imolação, esta união do Sacerdote celebrante com Cristo Vítima, por ser em si mesma tôda especial — especialíssima — está a dizer que há um fruto *especialíssimo* para o Padre celebrante.

**Como se explica que a Santa Missa possua tantos frutos, assim diferentemente aplicáveis?**

Explica-se pelo fato de ela ser de *valor infinito* em si mesma, e de *haver graus de participação entre as almas*, que são finitas.

De um lado ela é o *Sacrifício de Cristo*, que tem valor infinito; de outro, ela é o *Sacrifício da Igreja*, que recebe finitamente em seus membros, que são limitados.

De fato, explicam os teólogos, o Santo Sacrifício do altar é de *valor infinito em si mesmo* porque aí se imola uma *Vítima* de infinito valor e o *Sacerdote principal* que a oferece — que é também a *própria Vítima* — possui dignidade infinita.

E o valor de um *Sacrifício intrinsecamente* depende da dignidade *daquele que oferece* e do valor *intrínseco da Vítima*.

Cristo se oferece na Eucaristia por mãos de *Sacerdotes*, mas o *principal oferente* é sempre *Ele mesmo*, que se entrega em oblação ao Pai. O Padre não é senão *ministro e oferente secundário em nome da Igreja*.

Encerrando, pois, em si infinito valor por ser *Sacrifício de Cristo, Sacerdote e Vítima*, a Missa tem frutos que poderiam ser aplicados *infinitamente*, houveram capacidades infinitas para receber estes frutos.



Mas, como *Sacrifício da Igreja*, a *Sta. Missa* terá os seus frutos distribuídos por diferentes e desiguais capacidades, que são os membros da *Santa Igreja*...

Destarte, os frutos ubérrimos dêste *Sacrifício* são *diferentemente aplicáveis*, conforme a situação dos membros da *Igreja* relativamente a êste *Sacrifício* — (Sacerdote, pessoa por quem se oferece, comum dos fiéis) — e conforme a participação efetiva dêstes no divino mistério (colaboração no *Sacrifício* — reta intenção — grau de amor, etc.).

**Que são precisamente êstes frutos de que se fala? São frutos de perdão do pecado ou frutos de louvor de Deus, ou frutos de graças especiais?**

São frutos espirituais de tôda espécie: perdão do pecado, ação de graças, aumento de caridade, etc.

Cumpre-nos formular as intenções pessoais dos frutos que desejamos haurir desta fonte inesgotável. Infinito que é em si, o *Santo Sacrifício* nos pode obter *tudo*, embora nos seja feita uma aplicação limitada, conforme a nossa capacidade.

Doutra parte, reprodução que é do *Sacrifício do Calvário*, o *Sacrifício da Missa* é oferecido com os *mesmos fins* com que Cristo se ofereceu na Cruz.

Quais são êstes fins? O Santo Padre Pio XII os menciona na Enc. "Mediator Dei":

1. — Glorificação ao Pai celeste.
2. — Ação de graças.
3. — Expição, propiciação pelos nossos pecados e reconciliação nossa com Deus.
4. — Impetração das graças

Com idênticos fins é celebrado o Sacrifício da Igreja.

E em virtude dêstes fins, a Santa Missa produz frutos infinitos de multiformes aplicações. Cada alma, de acôrdo com seu grau de amor e reta intenção, *glorificará o Pai celeste, renderá ação de graças, expiará suas faltas e se reconciliará com a divina Majestade e obterá as copiosas graças que pedir, quando assistir ao divino Sacrifício ou nas suas intenções fôr êle oferecido.*

**Deve-se dizer o mesmo com relação às Missas pelos defuntos?**

As Missas beneficiam, com seu *fruto universalíssimo* a tôda a Igreja; portanto, também às almas do purgatório que constituem a Igreja padecente (1). Com seu *fruto especial*,

---

(1) «Quando o sacerdote celebra, honra a Deus, alegra os Anjos, edifica a Santa Igreja, socorre os vivos, *alivia os defunços* e se torna participante de todos os bens». — diz a «*Imitação de Cristo*». — (Liv. IV, Cap. V, 3).

a Missa beneficia sòmente os defuntos por quem é *determinadamente oferecida*, se êles estão no purgatório.

Desnecessário dizer que nenhum fruto da Santa Missa pode valer aos réprobos, definitivamente separados do Corpo Místico de Cristo.

Aos defuntos já coroados no Céu, a Sta. Missa aumentará, de certo, a glória e felicidade accidental.

Certamente, também, a Missa oferecida pelos defuntos alcança todos os quatro fins.

Mas a alma do purgatório por quem é oferecida se beneficia *diretamente tão só* com a terceira finalidade — expiação, propiciação e reconciliação com Deus — vistas as condições em que se acha; das demais finalidades da Missa ela se beneficia *indiretamente* enquanto, como membro do Corpo Místico, glorifica a Deus Pai, rende-lhe ações de graças e impetra favores por *tôda a Igreja* de que a Missa é o Sacrifício universal.

**E os fiéis vivos se beneficiam de todos os quatro fins com que é celebrada a Santa Missa?**

Sim, na medida das disposições com que participarem do Santo Sacrifício.

Há os que não levam nenhuma disposição, nem de caridade, nem de temor de Deus, nem mesmo de fé, para a assistência à Sta. Missa. Êstes, conquanto *de direito*, como fiéis batizados, possam participar dos frutos universalíssimos do Santo Sacrifício, *de fato* nada recebem por não estarem dispostos.

Há os que, em pecado mortal, mas com reta intenção, assistem com fé pelo menos à Santa Missa; êstes se dispõem à conversão e, assim, se beneficiam remotamente da terceira finalidade do Santo Sacrifício, ao mesmo tempo que, em união com a Igreja, participam *de algum modo* dos demais fins com que êle é oferecido.

Há, finalmente, os católicos fervorosos que, em estado de graça e em exercício de efetiva caridade sobrenatural, não só assistem passivamente à Missa, mas ativamente dela participam, conforme os desejos da Sta. Igreja; êstes realizam, em união com Cristo, tôdas as finalidades do Sacrifício eucarístico, delas se beneficiando na medida de suas boas disposições.

Como devemos participar do Sacrifício da Missa?

O Santo Padre Pio XII, na Enc. "Mediator Dei", tratou, pormenorizadamente, êste assun-

to. Vamos resumir o que êle ensinou, já que não é possível citar-lhe tôdas as palavras.

1. — Cada fiel deve participar da Santa Missa, oferecendo-a a Deus Pai juntamente com o Sacerdote celebrante.

O fiel é membro da Igreja, Corpo Místico de Jesus Cristo. Deve, pois, tomar parte na oblação que é feita em nome da Igreja. Deve oferecer, intimamente, Jesus imolado sôbre o altar, enquanto o Sacerdote celebra.

O caráter batismal deu ao fiel uma participação no Sacerdócio de Cristo. Não no sentido de que o fiel possa consagrar o Corpo de Cristo. Mas no sentido de que o possa oferecer a Deus Pai em união com o Ministro Oficial do culto divino. (1)

2. — Mas não basta que o fiel católico ofereça a Deus a Vítima de nossos altares. Para participar do Sacrifício, deve êle também se oferecer como vítima, de algum modo, reproduzindo em si, "quanto está nas possibilidades humanas, o mesmo estado de alma que tinha o divino Redentor quando realizava o Sacrifício de si mesmo: a humilde submissão

---

(1) — Em os números 86, 87 e 88 da Enc. «*Mediator Dei*» (Edição portugêsa da Ed. «*Vozes*») o Sumo Pontífice explica com pormenores esta doutrina.

de espírito, e a adoração, honra, louvor e ação de graças à suprema Majestade de Deus; mais: que reproduza em si mesmo a condição de vítima, a abnegação segundo os preceitos do Evangelho, o voluntário e espontâneo exercício de penitência, a dor e expiação dos próprios pecados." — (*Mediator Dei*, n.º 77)

3. — Como meio para fomentar esta participação, o Papa recomenda a divulgação do "Missal Romano", o Canto litúrgico, a presença às Missas solenes, conforme é desejo da Igreja.

4. — Mas, inegavelmente, a participação mais eficiente no Santo Sacrifício é a manducação da Vítima — Jesus Cristo — por meio da Comunhão. Dela trataremos na 3.ª parte desta obra.

---

# A Comunhão

I

## Natureza e efeitos da Comunhão

Foi dito precedentemente que a Comunhão é o melhor modo de se participar da Santa Missa; por que?

Porque, por ela, entramos em união sacramental, espiritual, a mais íntima possível, com *Jesus Cristo-Vítima*. Ora, a participação à Missa, no seu mais profundo sentido, consiste precisamente numa união intensa com a Vítima do altar.

De fato, a comunhão, feita como *deve ser feita*, importa na mais íntima união com Cristo Vítima. Como *deve ser feita*, ela não consiste somente em receber distraidamente a hóstia. Consiste, sim, em recebê-la com disposições sobrenaturais de fé e de caridade e em dar-se também a Nosso Senhor numa entrega total. Só assim se efetua, de fato, uma comunhão, ou seja, *união mútua* de vida, de sentimentos e de amor.

Cristo instituiu um Sacrifício que reproduz



e rememora o Sacrifício do Calvário e o instituiu para que dêle participássemos em aprazível ceia. A' semelhança dos sacrifícios mais solenes da antiguidade, em que os ofertantes participavam comendo a Vítima, assim quis o Senhor nos rejubilássemos à sua mesa sacrificial.

A Eucaristia é o Sacrifício de que devemos participar comendo a carne santíssima da Vítima. As palavras da sua instituição o declararam explicitamente: "*Tomai e comei. Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós*". — "*Tomai e bebei. Este é o cálice do Novo Testamento em meu Sangue que será derramado por vós*". (Mat. 26, 26 e 28; Marc. 14, 22-24; Luc. 22, 19-21).

O Corpo que é entregue (i. é., em imolação) designa o Sacrifício; igualmente, o Sangue que é derramado. As formas: "comei" e "bebei" designam a participação à Vítima do inefável Sacrifício.

Comungar é, portanto, fundamentalmente, *participar da Vítima do Sacrifício eucarístico*. Daí se vê que não existe melhor modo de nos integrarmos plenamente no espírito da Sta. Missa do que *comungando com fervor na Missa a que assistirmos*.

**Tôda vez que comungamos, entramos em união com Jesus Vítima do Sacrifício eucarístico? Mesmo comungando fora da Missa?**

Exatamente. A Comunhão é sempre uma participação do Sacrifício místico de Nosso Senhor. Notemos que Êle instituiu êste Sacramento sob a forma precisa de Sacrifício.

*Ainda em separado da Missa a Comunhão tem relação íntima com a Missa: relação de origem e relação de fim.*

A hóstia que comungamos só tem origem sob a forma sacrificial, na Missa. O fim a que se ordena a sua manducação é pôr o comungante em contacto com a Vítima do altar.

Portanto, tôda Comunhão nos une a Jesus Cristo que se fêz Vítima por nós na Santa Missa, e nos torna participantes de algum modo aos frutos do Sacrifício.

E nem pareça estranha à doutrina da Igreja tal afirmação. Ela é formalmente ensinada por Pio XII na "Mediator Dei", quer citando Bento XIV (Enc. "Certiores Effecti") quer falando de própria autoridade.

Entretanto, não se infira daí que a Comunhão fora da Missa inclui por si só *assistência à Missa*. Entrar em união com Cristo Víti-

ma não é o mesmo que assistir à Missa. Pode-se assistir à Missa e não entrar em nenhuma união com a Vítima dos altares, como fazem tantos cristãos relaxados... E pode o bom católico, sem assistir à Santa Missa, unir-se muito de coração à Vítima que nela se imola, comungando seja sacramentalmente, seja espiritualmente.

**Que diferença existe entre comungar «sacramentalmente» e comungar «espiritualmente»?**

Comungar "sacramentalmente" é unir-se a Jesus Cristo pela recepção física do Sacramento do altar, à maneira de alimento. Comungar "espiritualmente" é ativar em si o piedoso desejo de unir-se a Jesus Cristo presente no Smo. Sacramento.

Notemos que a comunhão espiritual encerra as disposições que se fazem mister para que a comunhão sacramental seja frutuosa.

De feito, esta — que é recepção física do sacramento — pode vir a ser até sacrílega se a alma não tiver as disposições espirituais indispensáveis.

Não será profícuo êste Sacramento a quem não se dispuser para torná-lo fecundo. E esta disposição é o desejo de unir-se mais e mais

a Cristo. Temos, assim, que a comunhão espiritual é disposição para a comunhão sacramental.

Sintetizando, podemos dizer: a comunhão sacramental nos une sacramentalmente a Cristo; a comunhão espiritual nos une a Êle espiritualmente; mas serão inaproveitados os frutos de uma união simplesmente sacramental para aquela alma que não logra a união espiritual perfeita.

**Pode uma alma unir-se a Cristo sacramentalmente de maneira ineficaz? Como assim?**

A alma pode unir-se a Cristo sacramentalmente não só de maneira *ineficaz*, mas até de maneira *prejudicial*.

Unir-se sacramentalmente a Cristo é unir-se-lhe pela recepção *física* da hóstia. Esta recepção *física* da hóstia une, necessariamente, a alma com a Pessoa de Jesus Cristo. E esta união com a Pessoa de Cristo (que é o efeito *imedato* dêste Sacramento) produzirá na alma o aumento de graça santificante e outros maravilhosos efeitos supondo-se que a alma está em estado de graça e se dispôs espiritualmente à fecundidade da união com Cristo.

Não estando disposta espiritualmente, a

união com Cristo é ineficaz; não se achando em estado de graça, a união com Cristo é antes profanação da "cousa sagrada", redundando prejudicial à alma.

Usando de uma analogia perfeita: a Eucaristia é alimento. O alimento só aproveita ao sêr vivo. E tanto mais o nutrirá quanto melhores suas disposições ao tomá-lo.

Mas quem recebe a hóstia indignamente se une à pessoa de Cristo?

Perfeitamente. A recepção da sagrada hóstia importa, necessariamente, na união real com Jesus Cristo. Estando Êle realmente presente sob as espécies sacramentais, quem recebe estas em si não pode deixar de se unir ao Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Cristo.

Entretanto, tal união, longe de ser benéfica ao sacrílego, torna-se-lhe veneno espiritual para a alma. Por isto São Paulo diz que "*quem come e bebe indignamente êste alimento, come e bebe a sua própria condenação*".

Como entender esta união de Cristo ao comunhante, principalmente com respeito à Humanidade Santa de Cristo? Como pode Cristo estar dentro do próprio homem?

Não há-de ser a imaginação, por mais fér-

til e engenhosa, que possa fornecer elementos para a compreensão do mistério da união eucarística.

Antes de tudo, lembremos o princípio geral que enunciámos precedentemente a respeito do modo de presença de Cristo na Eucaristia: *Cristo está presente no Sacramento à maneira de substância*, ou, se quisermos, a modo de espírito. É sua Humanidade, seu Corpo real, que aí está, porém glorioso, espiritualizado.

Para Cristo glorioso não existem óbices na matéria. Assim como Ele entrou no Cenáculo após a ressurreição estando fechadas as portas (João, 20, 26), assim também, ao descerem as sagradas espécies em nossas entranhas, a sua verdadeira pessoa, substancialmente presente sob estas espécies, sem que a matéria do nosso corpo lhe constitua empecilho, está em nós e se une à nossa alma e, por ela, a todo o nosso sêr.

Como é que a alma está em nós e se irradia por todo o nosso corpo, vivificando-o? Pois bem: de igual maneira, a Humanidade Santa de Cristo como que invade e penetra por todos os poros o nosso sêr, nos instantes em que se acham em nós as sagradas espécies.

**Quanto tempo dura esta maravilhosa união de Cristo com o comungante?**

Esta maravilhosa união perdura enquanto subsistirem incorruptas as sagradas espécies.

Já vimos precedentemente que a presença de Cristo na hóstia, porque é a modo de substância, se condiciona aos acidentes, sob os quais a substância existe; enquanto houver acidentes de pão (que denunciariam a substância própria se esta não se houvera mudado no Corpo de Cristo) sob eles continua presente a Santa Humanidade, e, portanto, enquanto eles persistem, perdura a maravilhosa união da alma com o Senhor.

**Desmanchadas as espécies sacramentais, cessa a união com Cristo?**

Desmanchadas as espécies sacramentais, cessa a *união sacramental*, a presença física de Nosso Senhor. Se, porém, a alma comungou em estado de graça, continua a *união mística, união sobrenatural*, entre a alma e Jesus Cristo.

Pela graça estamos verdadeiramente unidos a Deus. Também unidos a Cristo. Esta união, entretanto, é diversa da união sacra-

mental, como já explicámos no início desta obra. (1) Não é união física, mas união espiritual somente. Dela nos fala Jesus Cristo como efeito perdurante da sagrada comunhão: "Quem come a minha carne... permanece em mim e eu nêle". E depois: "Como meu Pai que vive me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim quem me come a mim também viverá por mim". (João, 6, 57).

**Então, além da união sacramental com Cristo, a Comunhão produz aumento da união sobrenatural pela graça?**

Precisamente. Aquêle que já possui a graça, ou união sobrenatural com Cristo, ao comungar recebe aumento desta união, aumento que lhe advém do fato de se unir sacramentalmente a Cristo.

Há, pois, de modo geral, duplo efeito na recepção condigna da Eucaristia: a alma se une à pessoa mesma de Jesus Cristo, Autor da graça, e recebe acréscimo de graça santificante.

**A graça que a Eucaristia nos traz é a mesma dos outros sacramentos?**

Há que distinguir: *todo sacramento confere*

---

(1) Cf. «Elementos gerais», pgs. 19-20.



uma graça que lhe é própria e que os outros não conferem e produz ainda a graça santificante, ou seu aumento.

Se todo Sacramento produzisse somente a graça santificante, ou seu acréscimo, não haveria motivo de serem sete os Sacramentos; bastaria um, que faria o mesmo efeito dos sete. E' de supôr-se, que cada um encerre uma graça que lhe é peculiar.

Na Eucaristia a graça especial é a *união com Cristo e com o seu Corpo Místico*, — dizem os teólogos.

De acôrdo com êstes princípios, devemos dizer que a graça *própria, peculiar*, que a Eucaristia nos traz, não é a mesma dos demais Sacramentos.

O acréscimo de graça santificante produzido na recepção da Eucaristia é, sim, a mesma *graça santificante* dada ou acrescida nos outros Sacramentos. Mas, além dêste acréscimo de graça santificante, e como *título exigitivo dêle*, a Comunhão causa à alma uma *graça peculiar*, que só a Comunhão lhe pode causar: une-a com Cristo Jesus pessoalmente, e, por Êle, une-a sobrenaturalmente a todos os membros do Corpo Místico. E' esta a *graça sacramental própria* da Eucaristia.

**Por que e de que modo a recepção da Eucaristia une a alma também aos membros do Corpo Místico?**

A graça sacramental própria dêste Sacramento — repetâmo-lo — é a união com Cristo e, por Ele e n'Ele, com os membros de seu Corpo Místico. Ficará isto bem patente se considerarmos a índole peculiar da divina Eucaristia, que já observamos de início (1): ela é o Sacramento social da Igreja.

Cristo não quis instituir êste adorável Sacramento para benefício exclusivo de cada indivíduo, como se deve dizer, por exemplo, a respeito da Penitência. A Penitência é para uso exclusivo de cada cristão que dela necessitar. A Eucaristia, ao contrário, é o Sacramento da unidade do Corpo Místico, observam os Santos Padres. Nosso Senhor quis instituí-la — ainda que beneficiando a cada um individualmente — para beneficiar a Igreja tãda.

Por isto é êste Sacramento confeccionado dentro do Sacrifício, ação cultual de tãda a Igreja, ato oficial litúrgico da coletividade do Corpo Místico.

Por isto ainda é êle um Sacramento permanente; enquanto os mais existem só no

---

(1) Elementos gerais, pgs. 21-22.

instante em que são conferidos, a presença física do Corpo de Cristo, que é essencial a este Sacramento, não existe só no instante da Consagração, mas permanece e é conservada para tôda a Igreja.

De igual maneira quis também Jesus Cristo que este Sacramento não só nos unisse a Ele, Cabeça, mas a todos os membros, sobrenaturalmente, por uma graça que lhe é tôda particular. Assim, este Sacramento é, na verdade, o Sacramento da união do Corpo Místico, segundo aquela palavra de S. Paulo aos Coríntios: "*Nós somos um só Corpo, nós todos que participamos de um só pão*". — (I Cor. 10, 17).

O "porque" deste efeito peculiar da Eucaristia está na vontade de Nosso Senhor que para isto a instituiu; o "como" desta união está no fato de a Eucaristia nos dar pessoalmente Jesus Cristo, Cabeça, que é a fonte da vida circulante em todos os membros.

Além destes efeitos, produz outros ainda a recepção da Eucaristia?

Sim. Além da união com Cristo e com o Corpo Místico, a Eucaristia produz na alma todos aquêles efeitos que ela deve produzir como *alimento espiritual, como memorial da*

*Paixão de Cristo e como penhor da imortalidade futura, segundo as palavras de Nosso Senhor.*

E' o que a Santa Igreja ensina em sua liturgia rezando, após a Comunhão distribuida fora da Missa: — "*O' sagrado convívio, em que se toma por alimento a Cristo! Recolhe-se aí a memória de sua Paixão, enche-se-nos a alma de graça, e dá-se-nos o penhor da glória futura!*"

1. A Eucaristia é alimento. Cristo a instituiu sob esta forma: "Tomai e comei!"... Logo, deve alimentar, robustecer, aumentar a vida. Não a vida material, pois se trata de alimento espiritual. A Eucaristia fortifica e aumenta a vida espiritual, que é Cristo mesmo:

*"Ego sum resurrectio et vita".* (João, II, 25).

Noutras palavras: aumenta a graça — vida sobrenatural da alma.

Como alimento também, a Eucaristia comunica forças para a resistência às paixões. Principalmente às paixões da carne. A Eucaristia é o grande antídoto da impureza, já assegurara, veementemente, Leão XIII. (Enc. "*Mirae caritatis*").

Que se acerquem da mesa sagrada os jovens assediados pelo demônio da sensualidade e aí, no contacto sacramental com a carne santíssima de Nosso Senhor, receberão

de certo a força invencível dêste "trigo dos eleitos" e dêste "vinho que faz germinar virgens", segundo a palavra da Escritura — (Zac. 9, 17).

2. A Eucaristia é o memorial da Paixão. Não somente no instante da Missa, em que se reproduz místicamente o Sacrifício do Calvário, mas ainda fora dela, o divino Sacramento tem relação íntima com a Paixão de Cristo: *"Tôdas as vêzes que comerdes dêste pão... anunciareis a morte do Senhor até que Ele venha de novo"* — diz São Paulo. (I. Cor. 11, 26).

Ora, a Paixão de Cristo tem como fruto a nossa reconciliação com Deus. Aplaca-lhe a justa ira causada pelos nossos pecados. Assim, cada vez que comungamos, (se o fazemos bem dispostos), reconcilia-se Deus conosco e se dispõe a nos conceder maiores favores.

Ora, reconciliar-nos é *perdoar-nos*. A Eucaristia perdoa, portanto, nossos pecados cotidianos. Não perdoa, ordinariamente, os pecados mortais, pois para perdoar êstes foi instituído o Sacramento da Penitência. Mas a Eucaristia perdoa os *pecados veniais*. E, anormalmente, se o homem em pecado mortal recebesse o Sacramento da Eucaristia estan-

do de boa fé, a união com Cristo importaria na remissão da culpa mortal.

3. A Eucaristia é penhor da imortalidade futura e da própria ressurreição. Foi Cristo quem disse nas promessas dêste divino alimento: "*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia*". (João, 6, 54). A carne gloriosa de Cristo, em contacto sacramental com a nossa miserável carne, deixa-lhe o germe da ressurreição futura. Êste germe é a promessa formal do Senhor e a graça divina, que é a mesma vida do Céu a transformar-se um dia em glória que não terá fim.

De todos êstes estupendos efeitos da Sagrada Comunhão deduzimos quão útil seja receber com frequência, e até cotidianamente, a N. Senhor neste Sacramento..

Mais bebe da fonte quem dela, sedento, mais vêzes se abeira. Assim, mais se inebriará da vida do Céu quem mais frequentemente se achar, bem disposto, à mesa divina que encerra o pão da imortalidade.

---

## II

## Necessidade da Comunhão e disposições para ela

**E' realmente necessário comungar?**

Jesus Cristo já respondeu a esta pergunta antes de instituir o divino Sacramento. Eis o que Ele disse: *"Em verdade, em verdade vos digo, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos"*. (João, 6, 53).

O Senhor não podia ter nem afirmação mais clara nem ameaça mais terrível.

Já sabemos o sentido da palavra *vida*, de que aí se fala. E' a vida da graça e a vida da glória. Vida sobrenatural, portanto. E, antes, Jesus dissera que ia dar como alimento *"não um manjar perecedor"*, mas, sim, um *"manjar que dura para a vida eterna"*. (João, 6, 27).

A conclusão é, pois, inelutável: é necessário comungar para se alcançar a vida eterna no Céu.

Esta necessidade é absoluta? Se é absoluta, que dizer das crianças batizadas que morrem sem comunhão? E não houve mártires que não chegaram a comungar?

Esta necessidade não é absoluta. Condição-se às circunstâncias de possibilidade física e moral de receber o alimento divino. Onde há impossibilidade física, o desejo supre a recepção da Eucaristia, como supre a recepção do próprio Batismo. E' o caso dos mártires. Onde há impossibilidade moral, cessa tôda obrigação de receber o alimento divino.

Existe impossibilidade moral de nutrir-se da Eucaristia em todo homem que não é capaz, na ordem moral, de assimilá-la. Ela é um alimento destinado a sustentar a vida sobrenatural; por isto mesmo supõe no sujeito que êle seja capaz de atos conscientes, que lhe possam aumentar esta vida e obstá-la de perder-se.

Ora, a criança — como aliás todo homem que não frui do uso da razão — não é capaz de atos conscientes. Não pode, portanto, cooperar com a graça. Não será capaz do ato fundamental da fé na Eucaristia, que se requer para assimilação frutuosa dêste alimento espiritual.



Assim sendo, a criança se acha na impossibilidade moral de nutrir-se da Eucaristia; logo, dispensada de tóda obrigação de recebê-la. (1)

Não faltam teólogos que dizem: o batismo encerra o desejo implícito da Eucaristia, porque para ela se ordena. Consequentemente, a Igreja que supre a fé para o Batismo da criança, supre-lhe o desejo para a Comunhão. Destarte, também as crianças mortas antes da primeira Comunhão cumpriram "in voto", por meio da Igreja, o preceito da Eucaristia.

**Mas Cristo disse: «se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue não tereis a vida em vós mesmos». Logo, não basta «comer sua carne»; é preciso «beber seu sangue». Entretanto, a própria Igreja nos dá somente a hóstia, que encerra o corpo de Cristo.**

**Inegavelmente, não basta comer a carne do Filho do Homem, e é preciso, também, be-**

---

(1) — Quando começa a existir possibilidade moral de aproveitar-se do alimento divino — idade de discernimento — começa para a criança o obrigação de comungar. A idade da Primeira Comunhão depende do desenvolvimento mental da criança.

ber seu sangue. Mas a Hóstia que nos é apresentada contém Jesus Cristo *todo*: Corpo e Sangue, Alma e Divindade.

Tanto na Hóstia como no Cálice consagrado está Cristo *integral*, e não Cristo em partes.

Se há símbolos distintos — pão e vinho — para o Corpo e sangue, isto não acontece a não ser no instante do Sacrifício, em que urge a presença de Cristo no altar *sob forma que exprima a imolação*; e esta se dá quando são consagrados separadamente, em *virtude das palavras sacerdotais*, Corpo e Sangue sob signos diversos.

Eis por que, na conservação da Santa Reserva, a Igreja não guarda espécies do vinho. E' que não se trata de tornar permanente o Sacrifício como tal, mas *sòmente* o Sacramento mediante o qual os fiéis participam do Sacrifício.

Antigas tradições nos dizem, é verdade, que os primeiros fiéis comungavam sob as duas espécies. Entretanto, há um pormenor curioso que se observa nos costumes do Cristianismo primitivo relativamente à Eucaristia: dentro do Santo Sacrifício da Missa, os cristãos comungavam as duas espécies; levando, entretanto, para suas casas o augustíssimo Sacramento, como era então costume, leva-

vam somente a espécie de pão. (1)

Este costume era perfeitamente acorde com a doutrina: para figurar mais perfeita participação ao Sacrifício do altar recebiam na Missa a Cristo tal qual Ele se apresentava dentro do Sacrifício — consagrado sob dupla espécie; em casa, porém, revestindo a Eucaristia mais o sentido de alimento (embora sem deixar de ser uma união com o Sacrifício), recebiam-no tão só sob a espécie de pão.

Hoje, a não ser entre os orientais, nem na Missa recebem os católicos a Eucaristia sob dupla espécie. E' que, para figurar perfeita participação ao Sacrifício, basta a Comunhão sob as duas espécies por parte do Sacerdote, pois somente a Comunhão dêle é absoluta-

---

(1) São Justino, por ex., refere que os Diáconos levavam aos enfermos o pão consagrado; não fala, entretanto, do vinho consagrado. (*Apologet.* I, C. 67).

São Basílio, a respeito dos costumes dos Monges, traz que eles, afastados das igrejas, tinham em suas celas o pão eucarístico e comungavam sob esta só espécie. (EP. 63, AD CÆSAREM).

Tertuliano conta que, para comungarem fora do Sacrifício cultual, os cristãos recebiam o pão consagrado e o guardavam dentro de tecas ou pequenas arcas. (*Ad uxorem*, Liv. II, Cap. 5)

mente requerida para acabamento do Sacrifício. (2)

**Posta a obrigação de receber a Cristo sacramentalmente, não bastaria recebê-lo uma só vez, na hora da morte por exemplo?**

Estritamente, quem comungasse tão só à hora da morte teria cumprido a ordem formal de Jesus para conseguir a vida eterna. Nosso Senhor não determinou número de vêzes que deve o homem "comer sua carne e beber o seu sangue".

Mas, como êste Sacramento foi confiado à Igreja para que o dispensasse a seus filhos, e ela reconhece a necessidade que temos do alimento sobrenatural, por isto é *preceito da Igreja* que todos os fiéis *comunguem uma vez cada ano* ao transcurso da Páscoa.

Assim, para o batizado — sujeito por isto à autoridade da Igreja — existe a obrigação de *comungar ao menos anualmente*. À esta obrigação não pode fugir um filho da Santa Igreja sem renegar pelo mesmo fato à filiação amorosa, para abraçar, praticamente, uma renegação culpável.

Vivamente aconselha ainda a Igreja, pela

---

(2) — «Mediator Dei», nº. 111.

voz de seus Pontífices, que não se contentem os fiéis com uma Comunhão anual.

“Oxalá, pois, todos correspondam, livre e espontaneamente, a êstes solícitos convites da Igreja” — diz Pio XII. — “Oxalá que os fiéis, até diariamente, se lhes é possível, participem do Divino Sacrifício, não só espiritualmente, mas também pela Comunhão do Augusto Sacramento, recebendo o Corpo de Jesus Cristo, oferecido por todos ao eterno Pai. (“Mediator Dei”, n.º 115).

**Pode o homem comungar todos os dias, com tantas misérias e pecados? Não é isto um desrespeito ao Smo. Sacramento?**

Pode o homem, perfeitamente, comungar todos os dias, não obstante suas inúmeras misérias. Não vai nisto desrespeito ao Smo. Sacramento.

Primeiramente, notemos que êste Sacramento não foi instituído como recompensa da virtude e sim como remédio de nossas fraquezas. Se Nosso Senhor o instituíra como recompensa, de certo o daria aos Anjos e Bem-aventurados, não aos mortais que peregrinam neste mundo.

Além do mais, temos dito precedentemente que êste Sacramento perdoa os pecados ve-

*niais* cotidianos. Logo, devemos recebê-lo sem embargo de infligir-lhe desrespeito precisamente por causa de nossas infindas fraquezas, para que elas sejam por êle remidas.

Está claro, imprudência havia de ser o cristão, sem nenhum empenho por vencer-se, não opondo nenhuma resistência às suas paixões, vir comungar todos os dias. Não importando tal em sacrilégio, seria pelo menos pouca consideração a Deus Nosso Senhor.

Mas, de vez que desejamos a amizade divina e nos impomos a obrigação de fugir do que ofende a Deus, por que não comungar cotidianamente, como é desejo da Igreja?

Quais são as disposições requeridas para a Comunhão frequente e mesmo cotidiana?

São as seguintes:

1ª. Não ter pecado mortal consciente.

2ª. Ter reta intenção de honrar a Deus e buscar o bem da própria alma.

3ª. Muito bom é também que se esteja ausente de pecado venial *voluntário* e que se busque o desapêgo dêle.

Esta última disposição, no entanto, não é *estritamente exigida*.

Destarte se pode afirmar que se exigem

para a *Comunhão frequente e cotidiana* as mesmas condições que para a *Comunhão anual*. De fato, o Deus que se recebe é sempre o mesmo. Não haveria por onde estabelecer diferença de atenções a lhe serem dispensadas anualmente e cotidianamente.

Eis por que não têm razão os que pretextam só comungar de ano em ano por não faltarem respeito a Nosso Senhor. Como se dispõem para a desobriga da Páscoa, assim se disponham para a *Comunhão* de cada Missa, e poderão comungar até com maior fruto, pois as comunhões repetidas purificam cada vez mais a alma e lhe aumentam abundantemente a graça.

**Mas dizem que São Francisco de Sales, que era tão benigno, exigia, para a *Comunhão cotidiana*, o haver o católico vencido as suas más inclinações e ter conselho especial de seu confessor...**

E' verdade, nosso melíflo Santo Bispo de Genebra traz a recomendação seguinte em sua obra "*Introdução à vida devota*": "Para comungar de oito em oito dias, urge estar imune do pecado mortal e de tôda afeição ao pecado venial e ter grande desejo de comungar. Entretanto, para comungar cotidianamente é preciso, além destas disposições,

haver dominado a mor parte das más inclinações e ter conselho do confessor". (1)

Observemos que São Francisco de Sales, como numerosos Santos, se deixou influenciar pelos preconceitos do jansenismo. Esta heresia sutil ensinava que a Comunhão só convinha aos perfeitos; era um como prêmio da união com Deus.

Apesar de Alexandre VIII ter condenado, em 1690, idéia tão absurda, e muito embora muitos Santos e Sábios lhe tenham dado cabal refutação teórica, os seus efeitos práticos se estenderam até bem perto de nós.

Em 1905, o Santo Padre Pio X, — recentemente canonizado — dirimiu tôdas as dúvidas possíveis de teólogos e ascetas, promulgando o afamado Decreto intitulado "*Sacra Tridentina Synodus*", em que diz textualmente o seguinte, entre muitos outros esclarecimentos:

"1". — A Comunhão frequente e cotidiana, de conformidade com os ardentes desejos de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Igreja Católica, seja permitida a todos os fiéis de qualquer classe e condição; de modo que não se pode afastar da sagrada mesa quem dela

---

(1) Intr. à vie dévôte, I. II. Chap. 20.



se aproximar em estado de graça com pia e reta intenção..

2º. — A reta intenção consiste em aproximar-se da santa mesa, não por hábito, por vaidade ou por motivos humanos, mas para satisfazer à vontade de Deus, para se unir mais intimamente com Ele na caridade e para acudir com êste divino medicamento às suas enfermidades.

3º. Ainda que seja de suma conveniência que as pessoas, que comungam frequente e cotidianamente, estejam isentas dos pecados veniais, ao menos plenamente deliberados, e do afeto a êles, é contudo suficiente que estejam livres de pecado mortal, com o propósito de não mais pecar para o futuro; com êsse sincero propósito torna-se impossível que os que comungam diariamente, se não livres pouco a pouco dos pecados veniais e do afeto aos mesmos”.

Em face de tão formais dispositivos sancionados pela mais alta autoridade em matéria de fé e de costumes, está visto que se tornam caducos e sem efeito quaisquer ensinamentos de Santos ou de teólogos, que exijam para a Comunhão frequente mais estritas disposições que as exigidas pela Sta. Igreja.

**Bastam, portanto, as disposições pedidas por São Pio X?**

Bastam, para se tirar da Comunhão o fruto normal que ela produz. Entretanto, São Pio X enumera tão só as *condições mínimas suficientes para o fruto comum da Comunhão*.

Quem tiver disposições mais aquilatadas tanto maior proveito trará do celeste banquete. E' por isto que os Sumos Pontífices não cessam de recomendar a *preparação e ação de graças* para antes e depois da Sagrada Comunhão, a fim de dispôr-se a alma do melhor modo possível.

E Pio XII chega a dizer que "êsses atos particulares (preparação e ação de graças) são absolutamente necessários para gozar mais abundantemente de todos os tesouros sobrenaturais de que é rica a Eucaristia e transmití-los aos outros segundo a nossa possibilidade, para que Cristo atinja em tôdas as almas a plenitude de sua virtude". ("Mediator Dei", n.º 120).

**O jejum é também uma disposição rigorosamente exigida para a Comunhão, ainda depois das últimas licenças do Papa?**

Sim, o jejum continua a ser disposição ri-

gorosamente exigida para a Comunhão, fora dos casos claramente dispensados na Enc. "Christus Dominus".

O Papa, em suas concessões naquela famosa Encíclica, mitigou notòriamente a lei do jejum eucarístico para facilitar a mais frequente recepção da divina Eucaristia; porém, não anulou de nenhum modo a lei do jejum nem dispensa dela a não ser nos casos ali estipulados.

Importante para nós conhecermos os dados principais das concessões do Soberano Pontífice (1). São os seguintes:

1. Para tôda e qualquer pessoa, em tôda e qualquer circunstância, a *água natural* não rompe o jejum que se exige para a recepção da Eucaristia. *Mesmo sem necessidade alguma*, pode a pessoa que vai comungar tomar água antes da Comunhão. Não é preciso licença do confessor para isto. Nem é preciso grande sede. Posso tomar quantos copos d'água quiser depois de meia noite e até na hora da Comunhão e receber Nosso Senhor na Eucaristia.

---

(1) — Só tratamos aqui dos pontos que interessam aos fiéis e não dos que se referem estritamente aos Sacerdotes.

2. As pessoas que estão doentes e fracas, mesmo se vão comungar cedo na igreja (não é preciso que estejam de cama) com licença do confessor podem tomar alimento líquido, como seja: leite, chocolate, gemada, caldo, coquetel, chá, café, contanto que êstes alimentos não encerrem álcool de qualquer espécie.

3. As pessoas que devem caminhar dois quilômetros a pé, ou mais, antes da Comunhão, ou que devem viajar a cavalo ou de carro ou de trem distância maior, podem igualmente tomar alimento líquido nas condições acima para os doentes, contanto que o façam uma hora antes da Comunhão.

4. Os operários, mães de família, empregadas e outras pessoas que hajam feito trabalho grande antes da Comunhão ou durante a noite podem também tomar alimento líquido nas mesmas condições acima nomeadas para os que caminham longa distância.

5. Todos os que somente depois de nove horas podem comungar têm direito ao mesmo privilégio nas mesmas condições acima.

Como se vê dos itens 2, 3, 4, é preciso para se poder tomar alimento líquido antes da comunhão:

a) que seja gravemente incomodante guar-

dar o jejum perfeito, ou por causa de doença e fraqueza, ou por causa de debilitante trabalho, ou por causa de fatigante caminhada;

b) que se tenha licença do Padre;

c) que o alimento não contenha álcool. (2)

6. Tôda pessoa que comunga nas chamadas Missas vespertinas pode tomar refeições como de costume até 3 horas antes da Missa; e pode tomar alimentos líquidos até uma hora antes.

Fora dos casos estipulados pelo Santo Padre — e são sômente êstes enumerados acima — o jejum, ou abstenção de alimento, continua a ser *disposição rigorosamente exigida* para a Comunhão eucarística.

**Por que o Papa fêz estas concessões e por que não aboliu completamente o jejum?**

O Papa fêz estas concessões a fim de facilitar a recepção frequente e cotidiana da comunhão. Antes destas concessões, quantas pessoas deixavam de comungar porque lhes era grandemente incômodo o jejum ou por-

---

(2) — As pessoas doentes podem tomar remédios que contenham álcool, assim como podem tomar remédios sólidos (comprimidos) antes da comunhão.

que deviam tomar remédios!

Vê-se, portanto, que o desejo da Igreja é que comunguemos mais vêzes, até todos os dias se fôr possível.

O Papa não aboliu completamente o jejum porque não é necessário abolí-lo, e porque altamente convém que se tenha para com Jesus Cristo, a quem recebemos como alimento, suma reverência. Conforme diz o Sumo Pontífice, "enquanto nos alimentamos do precioso Corpo e Sangue de Cristo antes de qualquer outro alimento, demonstramos ser Êle o primeiro e sumo sustento que nutre nosso espírito e nos aumenta a santidade". (*Christus Dominus*).

O jejum eucarístico é prescrição eclesiástica. A Igreja o pode dispensar *completamente*. E se houvera necessidade para o bem das almas, com tãda certeza a Igreja o dispensaria por completo. Mas não existe presentemente tal necessidade.

Deve o católico ser feliz em fazer o pequeno sacrificio de ficar sem alimento por algum tempo afim de se alimentar do pão celestial, que é o próprio Deus.

---

# Apêndice

## I

# O culto da divina Eucaristia

### Que culto é devido à Divina Eucaristia?

É-lhe devido o culto chamado de *latria*, ou seja, *culto de adoração*, que é o culto do próprio Deus:

A Santa Igreja distingue três cultos, conforme o tríplice objeto a que cada um destes cultos se dirige:

1. Culto de *adoração*, ou *latria*, que é próprio da Divindade.
2. Culto de *veneração* ou *dulia*, com que se honram os amigos de Deus — os Santos.
3. Culto de *super-veneração*, ou *hiperdulia*, com que se honra Aquela que é Mãe de Deus, portanto mais digna que todos os Santos e amigos de Deus.

Ora, se buscarmos nesta tríplice forma de culto a que convém ao Ss. Sacramento, somos forçados a concluir que lhe convém o culto de *latria*, pois este Sacramento encerra substancialmente o próprio *Deus-Homem*,



Jesus Cristo.

O Concílio de Trento definiu que *Cristo Deus-Homem pode ser adorado, mesmo sob as espécies sacramentais de pão e de vinho.* (Dez. 888).

E com tanto mais razão merece Ele aqui as nossas homenagens, pois êste Sacramento exhibe a maior prova do amor divino para conosco.

**A adoração deve ser prestada a Jesus Cristo que está neste Sacramento ou ao próprio Sacramento como tal?**

Responde o Concílio de Trento:

"Não há lugar para dúvidas de que todos os fiéis devam prestar a êste Sacramento, segundo o costume sempre admitido na Igreja, o culto de latria, que é devido ao verdadeiro Deus"... (Dez.878)

De fato, foi sempre costume na Igreja *adorar o próprio Sacramento.* E nem se pense que a Igreja adore somente a pessoa do Verbo Encarnado contido neste Sacramento. Não. Sem dúvida, o objeto primário de nossa adoração é o Verbo de Deus, realmente presente na Eucaristia; mas as próprias espécies consagradas, por causa da união estrita com

o Corpo e Sangue de Cristo, são, no mesmo ato, adoradas também, constitutivos que vêm a ser do Sacramento da Eucaristia.

Lembremo-nos do princípio geral: *Cristo se acha neste Sacramento à maneira de substância. A substância do pão foi convertida (transubstanciada) no Corpo de Cristo.*

As aparências de pão e vinho passam a ser, destarte, sinal que condiciona, no Sacramento, a presença do Corpo e Sangue do Senhor. Formam, portanto, uma *unidade* com o próprio Corpo de Cristo. É esta unidade que constitui o *Sacramento da Eucaristia*: Corpo, Sangue, Alma e Divindade de N. Senhor *sob espécies de pão e vinho.*

Daí se infere que não podemos adorar as espécies de pão e de vinho separadas e distintas do Corpo de Cristo, fazendo abstração d'êles; só se adoram e só se podem adorar as espécies sacramentais em união essencial com Jesus Cristo sob elas presente.

Concluindo: a adoração da Eucaristia não se refere somente à pessoa de Cristo presente sob o Sacramento, mas ao *próprio Sacramento como tal*, que é constituído pela pessoa de N. Senhor e pelas aparências sob que Êle se oculta.

**Não conviria que a adoração se prestasse somente no instante da Missa, quando Cristo está sob dupla espécie, como vítima?**

Não há motivo para se tornar a adoração homenagem exclusiva de Cristo sob a forma de Vítima. Também enquanto alimento guardado em nossos tabernáculos, Ele continua a ser Sacramento, que deve ser adorado.

A Eucaristia, já o dissemos, é Sacramento permanente do Corpo e Sangue de Cristo, e sempre em relação de origem com o Sacrifício, no qual é consagrado. E êste Sacramento permanente encerra o mesmo Deus. Logo, deve ser adorado com um "culto de adoração — diz Pio XII — distinto do Santo Sacrifício". (Mediator Dei, n.º 126)

**Qual adoração de Jesus Cristo na Eucaristia é mais recomendável, a particular ou a pública? As Adorações públicas e Horas Santas não representam, às vezes, desrespeito a Jesus Hóstia, constituindo abusos que a Igreja devia eliminar?**

N. Senhor disse certa vez: *"Digo-vos que qualquer coisa que dois de vós sôbre a terra pedirem unânimemente, ser-lhes-á concedida por meu Pai. Pois, onde quer que dois ou três se acharem reunidos em meu*

nome estou eu no meio dêles". (Mat. 18, 20)

Daí se vê que as preces públicas se recomendam mais diante de Deus do que as particulares.

Nosso Senhor fala primariamente da "súplica" — "o que pedirem unânimemente" — mas podemos entendê-lo outrossim da "adoração", visto que Êle completa: "onde estiverem dois reunidos em meu nome", sem expressar a finalidade desta união; podemos, pois, entendê-lo: para qualquer finalidade relacionada com a prece. Ora, a primeira e fundamental finalidade de tôda prece é "adorar".

Por isto, em todos os tempos, a Igreja tem abençoado e aprovado as Adorações públicas e Horas Santas que se fazem diante do Ss. Sacramento.

São elas, na verdade, a Igreja reunida ao seu divino Chefe, para adorar, pedir e louvar a Deus. Especialmente quando realizadas em ocasiões aprovadas de antemão pela autoridade eclesiástica, como acontece na Adoração das Quarenta Horas, na Hora Santa das Primeiras Sextas-feiras, etc.

E' verdade que, às vêzes, muitos católicos cometem desrespeitos e insolências diante de N. Senhor. Isto, porém, não desfaz o valor das preces coletivas em si mesmas, que tra-

zem sempre o cunho de culto *social*, muito superior, por si mesmo, ao culto particular.

A Hora Santa — convém ainda lembrar — foi pedida pelo Sagrado Coração de Jesus nas aparições de Paray-le-Monial como reparação coletiva dos numerosos pecados e sacrilégios que se cometem contra o Ss. Sacramento.

E' este um título a mais para que os bons católicos prezem esta formalidade de culto que goza dos mais amplos encômios da Santa Igreja.

Podemos e devemos colocar no mesmo plano de apreciação a Comunhão Reparadora, da Primeira Sexta-feira, também pedida por N. Senhor e enriquecida de tão consoladoras promessas.

Se a Missa é a maior homenagem a Deus e o centro da Liturgia, não parece mais de acôrdo com o espírito da Igreja atrair os fiéis para a Sta. Missa, cerceando quanto possível outras formas de culto extra-litúrgico?

Não pensa dêste modo a própria Igreja. Embora continui a afirmar que a Missa é a maior homenagem a Deus e centro da vida litúrgica, entretanto não quer que se cer-

ceiem outras formas do culto eucarístico, as quais — diz o Papa — “nascem duma inspiração da Sagrada Liturgia”.

Eis o que diz o Santo Padre Pio XII: “Dêste culto (da Eucaristia) introduziu a Igreja, através dos tempos, várias modalidades, sempre mais belas e salutares; por ex. as visitas ao Santíssimo, impregnadas de piedade e repetidas até diàriamente; as bênçãos do Santíssimo Sacramento; as solenes procissões, sobretudo por ocasião de Congressos Eucarísticos, que levam Jesus Hóstia em triunfo através de aldeias e cidades; as adorações solenes do Augusto Sacramento públicamente exposto.

“Êstes exercícios de piedade — continua o Pontífice — têm contribuído de modo admirável para o aumento da fé e da vida sobrenatural da Igreja militante, que, assim, como que se faz eco da Igreja triunfante... E por isto a Igreja não só aprovou, mas fêz suas e confirmou com sua autoridade estas práticas de piedade propagadas por tôda parte no decorrer dos séculos. Nascem duma inspiração da Sagrada Liturgia; portanto, se se fazem com o devido respeito, fé e piedade, que os sagrados ritos e as prescrições da Igreja requerem, sem dúvida ajudam mui-

tíssimo à prática da vida litúrgica." ("Mediator Dei", ns. 127, 128).

**O Papa nomeou acima os Congressos Eucarísticos como modalidade de culto eucarístico... Entretanto, não é verdade que eles não passam de uma exibição teatral onde nada aproveita à piedade litúrgica?**

O Soberano Pontífice citou como modalidade de culto eucarístico "*as solenes procissões sobretudo por ocasião dos Congressos Eucarísticos.*" Ele fala, portanto, das procissões, e não dos Congressos diretamente, como modalidade de culto. Inegável, porém que, indiretamente, os Congressos Eucarísticos, em si, constituem belíssimo culto de louvor à Sma. Eucaristia.

Longe de serem exibição teatral não aproveitável à piedade litúrgica, são eles grandes apoteoses da fé cristã que demonstram a pujança do Catolicismo e a influência sobrenatural da Eucaristia sobre os corações. Muita gente, é verdade, comparece a estes certames de fé sem a piedade que para eles se requer. O mal não é do Congresso; é, sim, do congressista que para ele não se preparou com disposições verdadeiramente eucarísticas.

Como muito bem disse ainda recentemente

D. Helder Câmara, "o Congresso Eucarístico, antes de se realizar nas ruas e praças, deve-se efetuar dentro das almas; só então êle produzirá os verdadeiros frutos que deve produzir".

Partindo do íntimo dos corações, alicerçado numa piedade sòlidamente eucarística, o Congresso há-de, necessariamente, incentivar ao máximo a vida litúrgica, visto como o centro da liturgia é o Smo. Sacramento do altar, segundo os dizeres de Pio XII, na "Mediator Dei".

#### Que se faz num Congresso Eucarístico?

O Congresso Eucarístico visa prestar uma homenagem pública *especialíssima* a Jesus Hóstia. Esta homenagem deve ser *consciente e fervorosa* por parte do povo cristão.

Daí que, num Congresso, tudo se faz por excitar o fervor eucarístico *pelo conhecimento* da divina Eucaristia e por solenidades externas capazes de impressionar o *sentimento* religioso...

O fruto consequente do conhecimento e do fervor eucarístico será a *pujança* de vida eucarística em que se sintetiza *tôda* a vida cristã.

Para maior conhecimento da Eucaristia são



organizados círculos de estudos, sessões de debates, conferências especializadas. O católico que não busca participar dêstes estudos eucarísticos perde a parte fundamental sôbre que se firma a piedade eucarística consciente. (1)

Como coroamento necessário dos estudos e das solenidades externas, promove-se no Congresso Eucarístico a comunhão de todos os fiéis, onde todos se confraternizam no banquete do Rei dos reis e se unem por laços da divina caridade, realizando a verdadeira paz que deve reinar entre as famílias e as nações.

Este belíssimo efeito social dos Congressos Eucarísticos, expressou-o, num assomo de verdadeira eloquência, o Soberano Pontífice Pio XII, falando para nós brasileiros, ao término do Congresso Eucarístico nacional de Belém do Pará:

"O' mistério da divina, infinita piedade! ó sinal e sêlo eficaz da unidade! ó vínculo da caridade, símbolo de paz e concórdia! Uma única e a mesma Vítima a adorar em todos os altares; um só e o mesmo divino man-

---

(1) Foi visando contribuir, modestamente, à formação desta piedade consciente, que publicamos esta obra, em forma catequética e popular.

jar servido por tôda a parte na sagrada mesa; e todos, sem distinção de estirpes ou nacionalidades, de condições e de classes sociais, todos igualmente convidados a crer, a adorar, a comungar, para serem todos igualmente concorpóreos e consanguíneos seus, todos elevados à mesma soberana nobreza, *divinae consortes naturae*; a fim de que todos se sintam mais que irmãos, membros de um mesmo Corpo Místico de Cristo, amando-se uns aos outros afetiva e efetivamente, como ao próprio Cristo". (1)

Possa o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro ser, mais uma vez, a realização desta unidade de amor de todos os homens em Cristo presente sôbre nossos Altares!

---

(1) Pio XII, Rádíomensagem de 15 de agosto de 1953, ao Congresso Eucarístico Nacional de Belém do Pará.

## II

## Relações entre Nossa Senhora e a divina Eucaristia

Haverá alguma relação entre Nossa Senhora e a Santíssima Eucaristia?

Muitas e profundas relações existem entre o Mistério da Eucaristia e a Santíssima Mãe de Jesus.

A mais comezinha lógica é capaz de entrever estas relações. Basta dizer que a Eucaristia contém a Humanidade de Cristo, que foi formada *exclusivamente* da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo. Esta Humanidade gerada por Nossa Senhora, é que aí está presente, aí se oferece como Vítima, e aí nos é dada sob as espécies Sacramentais como alimento.

Além disto, a admitirmos com o comum dos teólogos a universal mediação de Maria, havemos de concluir que esta boa Mãe é principalmente Dispensadora das graças junto à Eucaristia, que contém o Autor da graça,

Sumo Sacerdote e Mediador principal e único da Nova Aliança.

São, portanto, profundas, reais, verdadeiramente teológicas, as relações entre a Divina Eucaristia e Nossa Senhora.

E o magistério da Igreja nos autoriza de algum modo a estabelecer uma doutrina sobre estas relações?

Autoriza. Acatando sempre as definições dogmáticas a respeito do Santíssimo Sacramento do Altar, não querendo nunca lançar proposições suspeitas, podemos sempre estudar, esclarecer e divulgar pontos de doutrina que não contrastem, antes acordem perfeitamente com a praxe da Liturgia, que é, sem dúvida, modalidade importante do magistério eclesiástico.

Ora, a Liturgia repetidas vezes evoca as íntimas relações entre Nossa Senhora e a Eucaristia, em seus hinos, antífonas, orações, e no próprio espírito do culto, em que se sente que a Igreja não quer jamais separar Nossa Senhora do grande e supremo Liturgo — Jesus Cristo.

E' assim que a Igreja saúda o Santíssimo Sacramento como "*Corpo verdadeiro, nascido da Virgem Maria*" — "*Ave, verum corpus, natum ex Maria Virgine*", ou então "*Dado e nas-*

*cido para todos nós da puríssima Virgem" — "Nobis natum, nobis datum ex intacta Virgine"...* (1)

Mesmo em ponto de definição doutrinária, quis a Igreja pôr em relêvo que o Sacramento do Altar contém o "*Corpo nascido da Virgem Maria*", e não outro, chamado "*sacramental*", como queriam certos hereges. Assim, a profissão de fé imposta pelo Papa Gregório VII a Berengário, primeiro negador formal da transubstanciação, traz o seguinte: "o pão e o vinho que se acham sôbre o altar... se convertem na verdadeira, própria e vivificante carne e sangue de Jesus Cristo, Senhor Nosso e... depois da consagração é o verdadeiro corpo de Cristo, *que nasceu da Virgem* e que, oferecido para a salvação do mundo, esteve pendente na Cruz". (2)

Não vem fora de propósito citar também aqui um texto do Papa Pio XI, em carta ao Arcebispo de Toledo, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional celebrado naquela Metrópole. "É, pois, necessário recordem os fiéis que o corpo de Cristo, do qual ricamente nos alimentamos, é aquêle mesmo que nasceu da Virgem para a salvação do mun-

---

(1) Hinos da Festa de Corpo de Deus e da 5a Feira Santa.

(2) Dez. n. 355.

do". (3)

Em face destes esclarecimentos, pode-se ver que o magistério da Igreja, quer público, quer particular, assim como a sua Liturgia, autorizam constituir-se uma doutrina sobre as relações entre a Eucaristia e a Sma. Virgem.

Entretanto, não é verdade que tais relações são estranhas às cogitações dos Santos Padres e Teólogos eminentes?

Não é verdade que os Santos Padres e Teólogos eminentes andassem alheios a estas cogitações. Entretanto, ainda que de todo elles silenciassem a respeito, a voz da Liturgia e a coerência do grande fato teológico universalmente admitido — a *Eucaristia* é o *prolongamento da Encarnação* — seriam suficientes para nos chamar a atenção sobre as relações entre Maria e a Eucaristia.

Não passou, porém, despercebida aos Padres e Teólogos a íntima relação que une a Virgem com a Eucaristia. Numerosos entre elles — e são os mais ilustres e autorizados — falaram sobre a intrínseca dependência da Eucaristia para com a Sma. Virgem. Citemos alguns:

---

(3) 4 de outubro de 1926.

*Santo Ambrósio*: — "Este mistério que realizamos procede da Virgem. Verdadeira carne de Cristo, que foi crucificada e sepultada; logo verdadeiramente é o Sacramento da sua Carne. O mesmo Senhor Jesus exclama: — "Isto é o meu corpo" (*Lib. "De Mysteriis"*, Cap. 9).

*São João Damasceno*: — "O Corpo unido à Divindade é verdadeiramente o que nasceu da Santíssima Virgem; não que desça do céu o Corpo que para lá subiu, senão que o mesmo pão e vinho se convertem no Corpo e no Sangue do Senhor". (*"De fide orthodoxa"*, L. IV, Cap. 13).

*Ricardo de São Lourenço*: — "Cristo é o pão vivo que desceu do céu (Jo. 6). A Trindade divina misturou a água da humanidade com o vinho da Divindade quando uniu a natureza humana com a divina, e também a Santíssima Virgem quando creu e consentiu nesta união". (*"De Laudibus B. Mariae"*, — Livro I).

*Sto. Agostinho*: — "Ele (Cristo), recebeu a carne da carne de Maria. E por que andou entre nós nesta mesma carne, no-la deu a comer para salvação nossa". (*Comm. in Ps. 98*).

Quanto aos teólogos, houve até os que exageraram a mútua dependência entre a

Eucaristia e a Virgem Santíssima.

Assim o teólogo Vega, na sua "*Theologia Mariana*", chega a ensinar que uma parte da substância do corpo de Cristo na Eucaristia é *substancialmente a mesma de Maria*, de modo que, recebendo a hóstia, recebemos uma parte da carne de Nossa Senhora.

Também o teólogo Suárez, na sua obra "*De Mysteriis*", esboça uma sentença parecida, muito embora a proponha em termos comedidos que, no dizer de bons intérpretes, o isentam de heresia. (1).

Outro teólogo, menos célebre mas frequentemente citado — Sedlmayr — afirma: "Grande porção do sangue e do leite da Mãe de Deus, embora sob outra forma substancial... permanece na Eucaristia. E' sentença dos Padres e Teólogos". (2)

Sto. Tomás, sem atingir nominalmente a questão, fornece elementos para as mesmas deduções dos teólogos. Na 3ª Parte da "*Suma*" (3), êle ensina que o Corpo de Cristo foi concebido do puríssimo e castíssimo sangue de Maria, não no sentido de que êste sangue se tenha incorporado a Cristo tal

---

(1) *De Mysteriis*, disput. I, sectio II.

(2) *Theol. Mariana*, Q. VII, art. VIII, n. 1326).

(3) III p. q. XXXI, art. V.



qual existia em sua Mãe, mas passando pela elaboração das vias naturais da geração sob o influxo do Espírito Santo.

Ora, sendo que é o mesmo corpo *natural* de Cristo que está na Eucaristia e não outro (e o Angélico também o ensina noutra parte) (4) forçoso é concluir-se que se contêm nos escritos do grande Mestre os lineamentos da doutrina das relações entre a Eucaristia e a Virgem Mãe.

Se quisermos selar êstes dados da tradição e da teologia com um testemunho pontifício, vamos encontrá-lo em documento momentoso sôbre o assunto(5).

Bento XIV, ao mesmo tempo que condena os exageros sôbre esta matéria consubstanciados na obra de Zeferino de Someire (6),

---

(4) — IIIa. P. Q. LXXV, art. 1

(5) — Bento XIV — Cit. por Petitalot — *La Vierge Mère* (1904) T. II, p. 74 — Nota

(6) — Zeferino de Someire, na obra «*Liber de cultu erga Deiparam in Sacramento altaris*» ensinou que está presente no Santíssimo Sacramento uma parte da substância de Maria Sma. e, por isto, é devido um culto à Sma. Virgem no Sacramento do altar. Ele errou, pois afirmava uma identidade absoluta entre a carne e o sangue contidos na Eucaristia e a carne e sangue animados pela alma de Nossa Senhora. Tal modo de dizer é contra a doutrina da Igreja e contra a lógica.

vindica o ponto de vista exato da teologia, concluindo: "Portanto, as fórmulas empregadas por alguns Padres, como sejam: *"A carne de Maria é a carne de Cristo"*, ou: *"Ele nos deu a comer para nossa salvação a carne de Maria"*, não devem ser explicadas de modo que digamos que em Cristo existe algo de Maria, e sim como tendo sido Cristo concebido de Maria Virgem, ministrando Ela a matéria segundo a semelhança de natureza e de espécie, e, portanto, que Ele é seu filho... Enfim, só isto é lícito afirmar: no Sacramento está a carne de Cristo assumida de Maria, conforme diz Sto. Ambrósio: *"Esta é minha carne para a vida do mundo, e, para melhor dizer, não é outra que não a que nasceu de Maria, padeceu na Cruz e ressurgiu do sepulcro"*.

Tôdas estas citas nos assoalham que há um ponto de referência doutrinário e teológico entre a Virgem Santíssima e a Eucaristia. E êste ponto é sumamente glorioso para Nossa Senhora. E' o seguinte: a Eucaristia encerra a carne que nasceu de sua carne. Maria influi, ainda que remotamente, no divino mistério de nossa união com Deus neste Sacramento.

A doutrina das relações entre Maria e a Eucaristia não é, portanto, piedosa ficção de

cérebros exaltados por exagerada piedade marial. E' uma doutrina que se estriba em fundamentos mui seguros do dogma, como sejam: a Liturgia, o Magistério oficial e a Tradição dos Padres.

**Em que princípios teológicos se pode estabelecer esta doutrina das relações entre Maria e a Eucaristia?**

Nos seguintes princípios:

1. *A Eucaristia é o prolongamento da Encarnação.*

Pelo mistério eucarístico, o Verbo Humanado é constantemente o dom de Deus e de Maria aos homens. Enquanto Verbo, procede de Deus Pai. Enquanto Homem, foi Nossa Senhora quem o gerou, alimentou, e formou por suas funções maternas.

Se a Eucaristia estende a tôda a Igreja o mesmo dom da Encarnação, óbvio que a hóstia dos altares continua a ser o dom de Maria Sma.

Relações estas remotas, é verdade, mas que não deixam de ser reais, profundas e significativas para constituirem base a um corpo de doutrina merecedor de nosso estudo e de nossá devoção.

2. *A Eucaristia é o prolongamento da Redenção.*

Ela se consagra e tem sua origem numa atualização e representação do Sacrifício do Calvário. A Missa é o Sacrifício da nossa Redenção a projetar-se e a estender-se através dos séculos.

Ora, no mistério redentor Maria teve dupla função, admitida universalmente pelos teólogos: *Ela forneceu a Vítima e Oferente do grande holocausto e participou do Sacrifício como Corredentora querida por Deus, qual segunda Eva ao lado do segundo Adão.*

Logo, a Eucaristia, que prolonga, estende, renova e atualiza o Sacrifício da Cruz, por isto mesmo *atualiza a dupla função corredentora de Nossa Senhora.*

De novo, relações que se podem dizer remotas, porém muito significativas e muito reais.

3. *A Eucaristia é o centro da mediação universal de Cristo e, portanto, de Maria.*

Jesus Cristo, Deus e Homem, é o único mediador entre Deus e os homens. Embora único mediador *principal*, exatamente porque mediador *enquanto Deus-Homem*, não pode a sua mediação *principal* excluir a mediação

secundária dAquele que lhe deu o ser Homem.

E a Eucaristia é o centro da mediação precisamente enquanto aplica os frutos adquiridos no Calvário, ou seja, enquanto aplica os méritos do Redentor.

E Ela, que esteve sempre unida ao Redentor, estaria agora excluída do grande mistério que prolonga e aplica a ação redentora?

#### *4. Maria Sma. deve ter influido pròximamente na instituição da Eucaristia*

Eis um princípio que, sem ter a exatidão teológica dos precedentes, é, no entanto, dedução natural do papel de Maria relativamente a Jesus e à Igreja.

Nossa Senhora não podia deixar de ter conhecimento da Eucaristia, que Cristo prometeu em Cafarnaum. E, bem considerando tudo, se Jesus revelou às turbas, com antecedência, a futura instituição deste mistério, há-de tê-lo revelado muito antes à sua Mãe...

Não faltam Santos Padres que vejam no milagre de Caná uma preparação da Eucaristia, da qual Nossa Senhora havia de ter conhecimento por revelação particular de Jesus.

De qualquer forma, Nossa Senhora conhecia os passos do Antigo Testamento que pre-

figuravam a Eucaristia: a profecia de Malaquias sôbre o Sacrifício universal, o pão milagroso que foi oferecido ao profeta Isaías para sustentá-lo na caminhada, o cordeiro pascal que era comido depois de imolado, etc., etc. A Virgem, certamente, desejou e pediu a Eucaristia para si e para a Igreja.

Doutra parte, Jesus, instituindo êste Sacramento, não teria em vista a sua Santíssima Mãe, antes de tôdas as mais almas dêste mundo?

Conjecturas da piedade — direis.

Mas, que são dedução lógica dos fatos. Considere-se o papel único da Mãe de Jesus na economia redentora e haver-se-á de chegar a esta conclusão inelutável: Maria influenciou poderosamente sôbre o coração de Cristo para a instituição da Eucaristia.

5. *Atualmente, Nossa Senhora intervém na aplicação dos frutos da Divina Eucaristia.*

Êste princípio é uma extensão do 3º, enunciado acima. A função mediadora de Nossa Senhora o postula necessariamente.

Para corroborá-lo, prefiro citar um teólogo dos nossos dias — ALASTRUEY — de autoridade insuspeita e que nada apresenta de exagerado nos seus pontos de vista sôbre o

assunto. (1)

A respeito da Comunhão, diz êle: "A Sma. Virgem não só se nos propõe como exemplar das disposições com que nos devemos chegar à sagrada mesa, senão que, além disso, nos dá ajuda continuamente na percepção de seus frutos.

"Na verdade... Maria é quem leva à Eucaristia todos aquêles que buscam recebê-la dignamente... E, certamente, quantos se acercam da Eucaristia bem preparados são movidos pela graça excitante, graça que pela intercessão de Maria se dá a todos os que vão comungar".

A propósito dos frutos do Santo Sacrifício, diz o mesmo autor, depois de ter observado que *indiretamente* tais frutos são obtidos por Nossa Senhora em união com Cristo:

"*Diretamente* também influi nestes frutos a Santíssima Virgem, porque, como indica o Cardeal Franzelin, o sacrossanto Sacrifício da Missa, por ser aplicação do sacrifício redentor, pode chamar-se impetração ou interpeção nova de Cristo ao Pai, enquanto lhe apresenta, por esta oblação renovada, o mérito alcançado e consumado na Cruz.

---

(1) GREGÓRIO ALASTRUEY — «Tratado de la Virgen Santísima» — (Madrid, 1952 — p. 665).

Mas, em verdade, desta objetiva impetração ou interpeção de Cristo, pela qual apresenta ao Pai o mérito na Cruz consumado, não deve separar-se a intercessão de Maria, pois o que Cristo mereceu na Cruz, Ela o mereceu também junto à Cruz de Cristo e debaixo de sua dependência". (1)

Nas proposições supra, parece-nos, podemos sintetizar tóda a doutrina das relações entre Nossa Senhora e a Divina Eucaristia.

Não vai aqui espaço para desenvolvê-las amplamente. Mas nem é preciso para uma simples visão de conjunto que unicamente queremos dar ao leitor. (2)

**Havendo uma doutrina das relações entre Nossa Senhora e a Eucaristia, há também uma modalidade de culto que se deva à Santíssima Virgem junto da Eucaristia?**

A uma doutrina pode, sem dúvida, corresponder certa modalidade de culto.

Entretanto, observemos que a doutrina das relações entre Nossa Senhora e o Santíssimo Sacramento do altar não é ainda uma dou-

---

(1) Idem, p. 695.

(2) O leitor que desejar mais amplos esclarecimentos poderá ler: Pe. Antônio Miranda, S. D. N. «NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS» — III P., Cap. VI — (Ed. «Luzes»).



trina plenamente desenvolvida pelos teólogos para criar modalidade de culto definido.

O culto se desenvolve proporcionalmente à doutrina. Não é possível legitimar-se um culto sem que os seus aspectos doutrinários estejam suficientemente debatidos, provados, e sem que tenham tomado um corpo concreto em teologia. Somente desta maneira se torna tal culto susceptível de aprovação por parte da Igreja.

Não quer isto dizer que a Igreja proíba toda e qualquer modalidade de culto às relações de Nossa Senhora com a Eucaristia.

Ela aprovou e indulgenciou a invocação: "*Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, rogai por nós!*" e permitiu a institutos particulares a celebração da festa de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento a 13 de maio. Isto prova que a Igreja reconhece legitimidade para uma forma de culto relativa à doutrina que vimos tratando.

Mas, possivelmente porque falece à doutrina das relações entre Nossa Senhora e a Eucaristia uma concretização sob forma teológica mais positiva, a Santa Igreja, ainda que permitindo a invocação de *Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento* e a celebração de sua festa em caráter particular, contudo não estende esta modalidade de culto

à Igreja universal.

Assim sendo, em caráter particular, com a aprovação da Igreja, podemos prestar a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento um culto de devoção, sempre respeitados os limites que a sua doutrina nos impõe.

**Quais são os limites da sã doutrina neste culto a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento?**

São os limites traçados pelo ensino comum e pelo bom senso. Poderíamos concretizá-los nos seguintes enunciados:

1. A Sagrada Eucaristia contém somente o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nasceu de Maria Virgem.

2. Não se pode venerar na Eucaristia uma parcela da substância de Nossa Senhora, o que seria herético. O Papa Bento XIV condenou tal culto proposto por Zeferino de Sommeire, como já vimos.

3. Pode-se invocar Nossa Senhora como Meãaneira das graças especialmente junto à Eucaristia, fonte de tôdas as graças.

4. Podemos e devemos assistir ao Santo Sacrifício da Missa em união com Maria Sma., pedindo ao Divino Espírito Santo nos revista das disposições santas que Ela teve na Encarnação e especialmente no Calvário.

5. Devemos fazer nossa Comunhão pensando na união singular e maravilhosa que se estabeleceu entre Cristo e Maria no dia da Encarnação e nas Comunhões que Ela certamente fez nos últimos anos de sua vida, depois de instituído o Smo. Sacramento.

6. Devemos cultivar Nossa Senhora como exemplar de vida eucarística, de devoção e amor à hóstia de nossos altares.

7. Devemos nos abster, neste culto, de imaginações fantásticas e contrárias à doutrina, como sejam: que Nossa Senhora está dentro da Hóstia, que Ela nos administra a Comunhão, que Ela consagra a Divina Eucaristia. Tais fantasias são formalmente contrárias ao dogma. A Eucaristia é o Sacramento do Corpo de Cristo e nêle não se pode encontrar Nossa Senhora sob as espécies. Só os Sacerdotes têm o poder de consagrar e administrar êste Sacramento e Maria Santíssima não recebeu nenhum poder sacerdotal.

8. Sumamente recomendável é que invoquemos Maria Santíssima em nossas visitas a Jesus Sacramentado, redizendo aquela invocação já popular: "*Nossa Senhora do Ss. Sacramento, Mãe e modelo dos adoradores, rogai por nós!*"

*Laus Deo Virginiq̄e Mariae!*

## I N D I C E

### ELEMENTOS GERAIS SÔBRE A EUCARISTIA

Que é a Eucaristia? .....	11
Existe dom mais excelente que a Eucaristia? .....	12
A Eucaristia supera o dom da Encarnação? .....	12
Em que sentido a Eucaristia renova a Encarnação? .....	12
A Eucaristia prolonga também o mistério da Redenção? De que modo? .....	13
Pode-se dizer que a Eucaristia é a síntese de nossa fé? .....	15
Por que se chama a Eucaristia «Mistério de amor»? .....	15
A Eucaristia sintetiza a própria Religião? .....	16
Como se efetua na Eucaristia a íntima união de Deus com o homem? .....	17
Em que sentido a presença de Deus na Eucaristia é especialíssima pelo modo e pela finalidade? .....	19
Que dizer do triplice aspecto — Presença, Sacrifício e Comunhão — sob que se considera a Eucaristia? .....	21
Qual dos três aspectos da Eucaristia é mais importante? .....	22

### A PRESENÇA REAL

págs.

#### I. — *Jesus Cristo está presente na Hóstia* ..27

E' bem verdade que Jesus está presente na Hóstia?.....27

Não está Jesus presente na Hóstia somente pela sua influência santificadora? A Hóstia não é somente

imagem da presença mística de Jesus na Igreja? .....	27
Que diferença existe entre a presença de Cristo na Igreja e sua presença na Eucaristia? .....	28
Todos os Sacramentos não prolongam a Humanidade de Cristo? Logo, sua Humanidade está em todos os Sacramentos? .....	29
Como se prova a presença corporal de Cristo no Santíssimo Sacramento? .....	30
Os Apóstolos entenderam a palavra — <b>Isto é o meu corpo</b> — como significando a presença real do Senhor no Sacramento? .....	31
Por que não causaram estranheza aos Apóstolos as palavras: «Isto é o meu corpo»? .....	31
Existe relação entre a palavra da última ceia e o discurso de Jesus em Cafarnaum? .....	32
Quais os tópicos principais do discurso em Cafarnaum? .....	33
Não têm sentido só metafórico as palavras de Jesus em Cafarnaum e na ceia? .....	41
As palavras: — « <b>O espírito é que vivifica; a carne para nada vale</b> » — não indicam que a presença de Cristo na Eucaristia é somente espiritual? .....	42
Além das palavras de Jesus, existem outras provas escriturísticas da presença real? .....	43
Há provas da Tradição, que confirmem a fé na presença real? .....	45
Os Santos Padres, às vezes, não interpretaram a Eucaristia como símbolo ou figura apenas de Cristo? .....	47
Há argumentos científicos que provam a presença	

real? .....	49
Que dizer dos milagres e aparições de Cristo na Hóstia? .....	50
Que deve fazer quem sente vacilante a sua fé na presença real de Cristo na Eucaristia? .....	52

## *II. De que modo está Jesus na Eucaristia* .. 54

De que modo está Cristo na Hóstia, pois não é aí percebido pelos sentidos? .....	54
O modo pelo qual Cristo está presente na hóstia é natural ou extraordinário? .....	55
Como podemos saber que houve transubstanciação na Eucaristia, se o Evangelho não nos fala disto? .....	56
Por que a Igreja preferiu o termo «transubstanciação» e não outro? .....	57
Não poderia a Igreja empregar a palavra «transformação» em vez de «transubstanciação»? .....	58
Houve na Eucaristia mudança da matéria de pão e vinho? E como permanecem os acidentes de pão e vinho? Eles não são matéria? .....	60
Como explicar a permanência dos acidentes de pão sem a substância própria? .....	62
Por que Deus não transmudou também os acidentes da Hóstia? .....	62
Para estar presente na hóstia, podia Cristo recorrer a outro modo que não o da transubstanciação? .....	63
Cometeria erro doutrinário quem afirmasse que a presença de Cristo na hóstia se dá por outro modo	

e não pela transubstanciação? .....	63
Não foi violar as leis da natureza o operar Cristo a transubstanciação? .....	64
Como pode Cristo, com seu corpo, estar presente em tantas Hóstias e em tantos lugares, e ainda estar presente no céu? .....	66
Jesus está na hóstia com as dimensões do seu corpo?	68
Que dizer da presença real de Cristo quando se deteriora a Hóstia? .....	69
Que conclusões tirar do modo pelo qual Cristo está presente na hóstia?	71

## O SACRIFÍCIO EUCARÍSTICO

### *I. Natureza dêste Sacrifício* .....

Em que sentido a Eucaristia é o prolongamento da Encarnação? .....	75
Que quer dizer « <b>atualizar e tornar presente de modo novo</b> » o Sacrifício do Calvário? .....	75
E' a Eucaristia um <b>verdadeiro e propriamente dito</b> Sacrifício? .....	76
O Sacrifício eucarístico é o <b>mesmo</b> do Calvário, e não outro, embora de Cristo? .....	78
Como Cristo pode morrer no Sacrifício da Missa se Ele é hoje glorioso? .....	81
Como se pode realizar a atualização sacramental de de um fato passado há dois mil anos? .....	81
Em que difere o Sacrifício de Cristo na Cruz e na	

Missa? .....	82
Não bastava o Sacrifício da Cruz? Por que renová-lo cotidianamente? .....	83
Por que Jesus quis renovar o seu Sacrifício sob símbolos sacramentais e não sob outra forma? .....	84
Por que o Sacrifício se dá sob duplo símbolo e não sob um só? .....	86

## *II. Participação no Sacrifício eucarístico* 88

Todos nós participamos dos frutos do Sacrifício da Missa? .....	88
Quais são os principais frutos do divino Sacrifício do altar? .....	89
Como se explica que a Missa possua tantos frutos assim diferentemente aplicáveis? .....	91
Que são precisamente os frutos da Missa? .....	92
As missas pelos defuntos têm os mesmos frutos que as outras? .....	93
Os fiéis vivos se beneficiam de todos os frutos da Missa? .....	94
Como participar do Sacrifício da Missa? .....	95

## A COMUNHÃO

### *Natureza e efeitos da Comunhão* ....101

Por que a Comunhão é o melhor modo de participar da Santa Missa? .....	101
--	-----



Mesmo comungando fora da missa entramos em união com Jesus-Vítima? .....	103
Que é comungar <b>sacramentalmente</b> e comungar <b>espiritualmente</b> ? .....	105
Pode uma alma unir-se a Cristo sacramentalmente de maneira ineficaz? .....	105
Quem recebe indinamente a Hóstia se une à Pessoa de Cristo? .....	106
Como é que a Humanidade de Cristo se une ao comungante? .....	106
Quanto tempo dura a união de Cristo com o comungante? .....	108
Desmanchadas as espécies sacramentais, cessa a união com Cristo? .....	108
Além da união sacramental com Cristo, a Comunhão produz aumento da graça? .....	109
A graça que a Eucaristia nos traz é a mesma dos outros Sacramentos? .....	109
Por que e como a Eucaristia une a alma aos membros do Corpo Místico? .....	111
Que outros efeitos produz a recepção da Eucaristia?.....	112

## *II. — Necessidade da Comunhão e disposições para ela..... 117*

E' realmente necessário comungar? .....	117
A necessidade da Comunhão é absoluta? E as crianças e mártires que morreram sem Comunhão? .....	118
Por que a Igreja nos dá a Comunhão sob uma só	

espécie? .....	119
Não basta comungar uma só vez, à hora da morte por ex.? .....	122
Não é desrespeito comungar todos os dias, já que somos cheios de pecados? .....	123
Quais as disposições requeridas para a comunhão frequente e cotidiana? .....	124
Que dizer de autores, até Santos, que exigem uma quase santidade para a comunhão frequente? .....	125
Bastam as disposições pedidas por S. Pio X? .....	128
O jejum é, ainda hoje, disposição rigorosamente exigida para a comunhão? .....	128
Por que o Papa fez concessões parciais e não aboliu completamente o jejum eucarístico? .....	131

## APÊNDICE

### *I. O culto da divina Eucaristia* ..... 135

Que culto é devido à Eucaristia? .....	135
A adoração deve dirigir-se à pessoa de Cristo, presente no Sacramento, ou ao próprio Sacramento?....	136
Não conviria que se adorasse o Smo. Sacramento somente à hora da Missa? .....	138
Que dizer das adorações públicas? Não degeneram em abusos? .....	138
Não é melhor cercear as formas de culto extralitúrgico e atrair os fiéis para a Missa? .....	140
Os Congressos Eucarísticos contribuem efetivamente	

para o culto da Eucaristia? .....	142
Que se faz num Congresso Eucarístico? .....	143

## *II. Relações entre Nossa Senhora e a Eucaristia* ..... 146

Haverá alguma relação entre Nossa Senhora e a Eucaristia? .....	146
O magistério eclesiástico autoriza de algum modo que estabeleçamos tais relações? .....	147
Tais relações não são estranhas à cogitação dos Padres e teólogos .....	149
Em que princípios teológicos se pode estabelecer uma doutrina sobre estas relações? .....	154
Há alguma modalidade de culto à Sma. Virgem junto da Eucaristia? .....	159
Quais os limites da sã doutrina no culto de Nossa Senhora do Smo. Sacramento? .....	161

---

**OBRAS DO PE. ANTÔNIO MIRANDA, S. D. N.**

---

**Pe. Júlio Maria, sua vida e sua missão.** — Volume de grande formato, com 368 páginas, ilustrado, — Cr\$ 30,00.

E' uma biografia única no gênero pelo interesse da narrativa, pelo palpitante dos episódios, pelo colorido vivo do estilo. E' uma obra literária e histórica de extraordinário valor. Comove, arrebatava e incute o desejo de viver melhor.

---

**Nossa Senhora das Graças.** — Estudo doutrinário de grande mérito teológico.

«E' realmente um livro que merece ser lido, estudado, meditado por quantos desejam ver afervorar-se sempre mais seu amor para com a boa Mãe do Céu, a Medianeira de tôdas as graças» — diz o Revmo. Censor, Pe. Geraldo Maria Penido. — Cr\$ 25,00.

---

**Meditações marianas:**

**I. — Meditações de Maio.** — Cr\$ 10,00. — E' o primeiro volume de uma série de meditações doutrinárias e afetivas.

Reaparece nesta obra o teólogo, mas, desta vez, não parando na simples especulação, e, sim, fazendo da doutrina uma fonte de piedosos sentimentos que nos unem à Mãe de Deus e nos fazem viver mais santamente.

Em breve sairá o 2º. volume desta série com o título «**Meditações das festas de Nossa Senhora**».

---

**Catecismo dos Noivos** — para noivos e casados. Preço: Cr\$ 5,00, com 30% aos que adquirirem quantidade superior a 50 exemplares.

É um livrinho que não deve faltar às mãos dos noivos e mesmo dos casados. Doutrina segura, resumida, popular.

Grande poder de síntese e grande firmeza de princípios morais — é o que revela o autor nesta obra, pequena pelo formato e grande pelo conteúdo.

---

Êstes livros podem ser pedidos por Reembolso postal ao seguinte endereço: **Editora «O Lutador — Manhumirim — E. F. L. Minas**

---

**OUTRAS PUBLICAÇÕES DA EDITORA «O LUTADOR»**

**Palmares** — poema épico de Frei Solitário. Imitação perfeita do estilo do grande Castro Alves.

Êste livro é uma jóia de poesia. Os professores e estudantes não devem desconhecê-lo — Cr\$ 15,00.

**São Gabriel, Maomé e o Islamismo** ou a vida de Maomé.

E' o último livro que o Pe. Júlio Maria escreveu. Deixou o manuscrito sobre a mesa na tarde de sua morte.

Verdadeiro romance. Pitoresco. Merece ser lido, como livro duplamente curioso: o **último** escrito numa existência afanosa de escritor, e o **único** no assunto em lingua portuguesa. — Cr\$ 20,00.

---

**Orientação sobre o Espiritismo** — pelo Pe. José Batista de Lima, S. D. N. — Cr\$ 5,00.

E' uma obra completa. O preço é de divulgação, para facilitar aos Srs. Párocos a aquisição de maior número.

A heresia espírita é a mais perigosa no Brasil. E' preciso combatê-la. Este livro, em linguagem lapidar e acessível, dá-nos a refutação completa de todos os erros do espiritismo.

---

## E R R A T A

Em muitos exemplares desta edição, escaparam os seguintes cochilos de revisor:

Pág. 8 — Onde se lê: "reacenda o amor", deve-se ler: "reacendam o amor".

Pág. 30 — O trecho interpolado na penúltima alínea deve ser assim corrigido: "A primeira heresia que feriu a presença real só apareceu no século 8°. Foi defendida pelos *iconoclastas*".

Outras pequenas falhas, como "fragmento separada" (pág. 67) em vez de "fragmento separado", "divesas" em vez de "diversas" (pág. 68 — nota) são de fácil correção por parte do próprio leitor.

---

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Editora «O LUTADOR» do Instituto dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora

— MANHUMIRIM — MINAS —